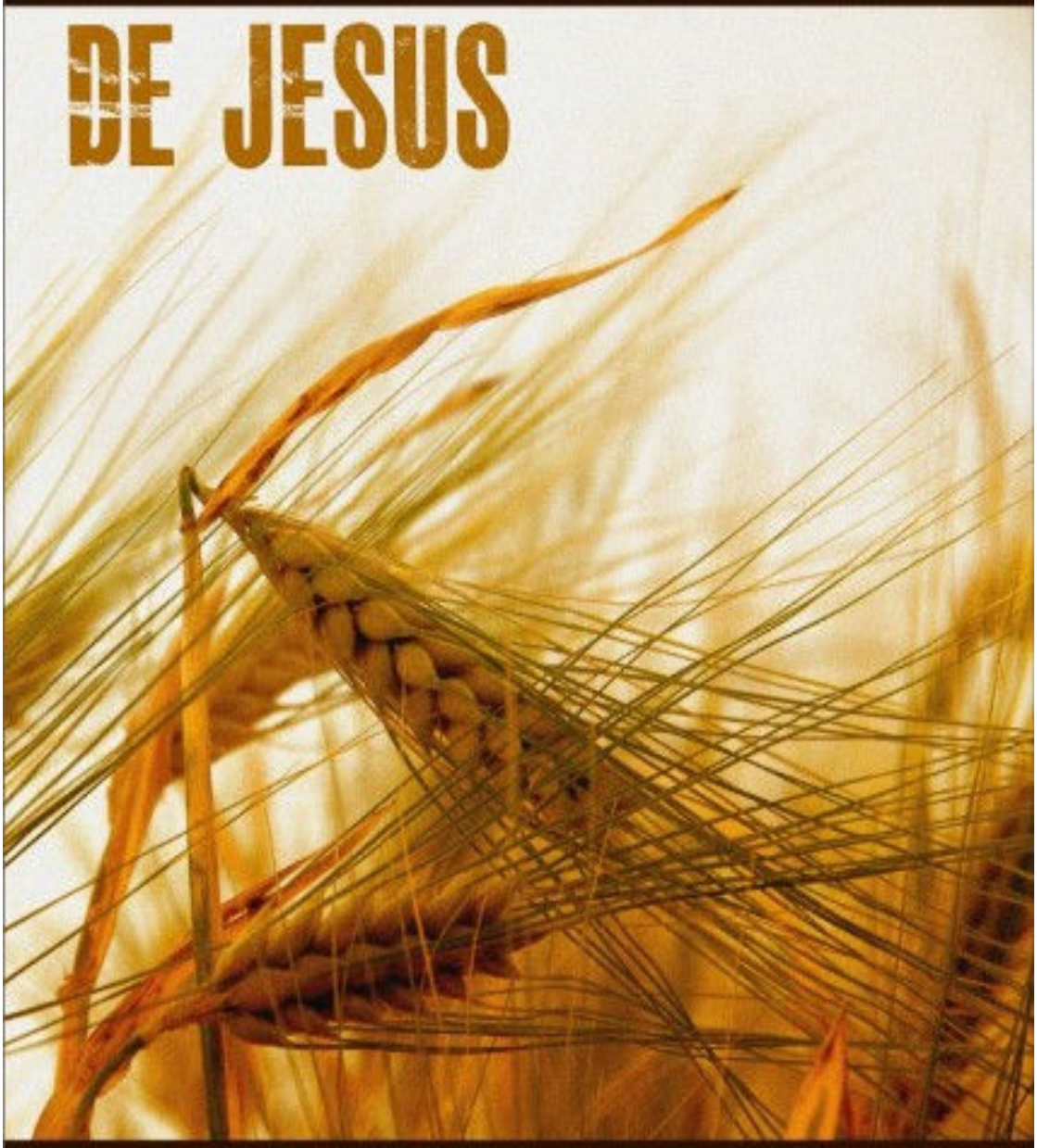
AS PARÁBOLAS DE JESUS



VINCENT CHEUNG

AS PARÁBOLAS DE JESUS
Vincent Cheung

Copyright © 2001, 2003 de Vincent Cheung. Todos os direitos reservados.

Publicado por Reformation Ministries International
PO Box 15662, Boston, MA 02215, USA

Tradução de Felipe Sabino de Araújo Neto

Todas as citações bíblicas foram extraídas da *Nova Versão Internacional* (NVI), © 2001, publicada pela Editora Vida, salvo indicação em contrário.

SUMÁRIO

PREFÁCIO À EDICAÇÃO DE 2003 3

1. SOBRE AS PARÁBOLAS 4

2. SOBRE OUVIR 11

3. SOBRE ORAÇÃO 20

4. SOBRE PERDÃO 23

5. SOBRE RIQUEZA 35

6. SOBRE EXCLUSIVISMO 40

7. SOBRE JUSTIÇA PRÓPRIA 45

8. SOBRE MINISTÉRIO 50

PREFÁCIO À EDICAÇÃO DE 2003

Esse livro contém exposições informais sobre várias parábolas bíblicas para derivar delas alguns princípios para o viver cristão. Embora as parábolas inclusas sejam mais ricas em significado do que como esses capítulos as apresentam, não é o propósito deste livro realizar um estudo exaustivo.

O primeiro capítulo deste livro se foca em várias questões preliminares relevantes, tais como a natureza, propósito e interpretação das parábolas. Discutiremos as parábolas em si nos capítulos subseqüentes.

Quando revisando o texto, me foquei em corrigir erros teológicos e fazer melhoramentos no estilo, ao invés de adicionar extensão e profundidade ao livro. Da forma como está, este livro falha em demonstrar a plena riqueza das parábolas e suas implicações teológicas. Se tiver a oportunidade, talvez remediarei isso em exposições futuras dessas e outras parábolas.

1. SOBRE AS PARÁBOLAS

O Antigo Testamento foi escrito no idioma hebraico, mas no tempo em que Jesus nasceu havia uma tradução grega do Antigo Testamento, chamada a Septuaginta porque tinha sido produzida por setenta eruditos. A Septuaginta é frequentemente representada por LXX nos livros e comentários.

Agora, a palavra hebraica para parábola é *masal*, e é usada trinta e nove vezes no Antigo Testamento. Em vinte e oito daquelas trinta e nove ocorrências, a palavra grega usada para traduzir *masal* é *parabole*. Em outras palavras, a palavra hebraica para parábola, ou *masal*, é usada trinta e nove vezes nos manuscritos originais do Antigo Testamento, e dessas trinta e nove vezes, a palavra grega *parabole* é usada para traduzir vinte e oito ocorrências dessa palavra na LXX. Ao observar as ocorrências de *masal* sendo traduzidas como *parabole*, uma pessoa pode derivar a variação de significados para a palavra "parábola".

Embora isso nos diga como alguns eruditos têm chegado às suas definições de uma parábola, diferentes eruditos podem usar definições ligeiramente diferentes, e, portanto, o que parece ser uma parábola para um, pode não parecer para outro. Contudo, os desacordos raramente são significantes o suficiente para tornar a comunicação e o estudo significante impossíveis.

A palavra grega para parábola é *parabole* – ela é uma palavra grega composta que significa "colocar de lado". No uso bíblico, uma parábola compara ou contrasta uma realidade natural com uma verdade espiritual. E assim, quando lendo os Evangelhos, algumas vezes você verá Jesus dizendo tais coisas como: "O Reino dos céus é como..." (Mateus 13:24), ou "Com que se parece o Reino de Deus? Com que o compararei?" (Lucas 13:18).

Por que usar parábolas? Uma explicação popular, porém equivocada, é que Jesus usou-as para tornar as verdades espirituais mais fáceis para a sua audiência entender. Você pode ouvir alguns pregadores dizerem: "Deus sempre torna as coisas mais simples. Por exemplo, Jesus usou parábolas enquanto ele estava ensinado às multidões. Ele usou coisas tiradas da vida diária deles para explicar-lhes verdades espirituais".

Alguns pregadores encorajam seus companheiros ministros a serem mais imaginativos e divertidos ao comunicar as verdades espirituais pelo uso de narrações e parábolas em seus sermões. Contudo, os próprios apóstolos nunca seguiram a prática de Cristo de usar parábolas, indicando que é desnecessário para os ministros de hoje usar os assim chamados métodos criativos na pregação. Jesus tinha um propósito distinto ao usar parábolas, e não era tornar as verdades espirituais mais fácies de se entender. Em nossas apresentações, é melhor comunicar o conhecimento bíblico através de exposições estruturadas, o próprio método que muitas pessoas hoje consideram maçante demais e sem imaginação. [1]

[1] Veja Vincent Cheung, *Pregue a Palavra*.

Deixe-me explicar o porquê é errado dizer que Jesus usou parábolas para tornar as verdades espirituais mais fácies de se entender.

Em primeiro lugar, seus discípulos não entenderam nem mesmo a parábola fundacional até que Jesus a explicasse para eles. Após contar à sua audiência a parábola do semeador em Marcos 4:2-9, seus discípulos chegaram até ele no versículo 10, pedindo a interpretação: "Quando ele ficou sozinho, os Doze e os outros que estavam ao seu redor lhe fizeram perguntas acerca das parábolas". Até mesmo seus discípulos mais íntimos, incluindo os Doze, não entenderam a parábola.

Jesus respondeu: "Vocês não entendem esta parábola? Como, então, compreenderão todas as outras?" (Marcos 4:13). A parábola do semeador é uma parábola fundacional, e Jesus diz aqui que falhar em entender essa implica que a pessoa falhará também em entender todas as outras parábolas. Contudo, até mesmo os dozes apóstolos não entenderam essa parábola até que ela fosse lhes explicada. Portanto, é um engano dizer que Jesus usou parábolas para tornar as verdades espirituais mais fácies de se entender, visto que até mesmo aqueles que deveriam entendê-la falharam em fazê-lo. Mas os discípulos parecem não ter tido nenhum problema para entender a explicação da parábola, quando dada em discurso claro.

Algumas pessoas reivindicam que as verdades espirituais são de fato mais difíceis de entender se transmitidas em discurso claro, sem o uso de parábolas ou alegorias. Mas eu me pergunto como alguém que alguma vez já ouviu ou comunicou qualquer verdade espiritual pode sinceramente afirmar isso. Em João 16:29-30, os próprios discípulos declaram que era mais fácil entender o que Jesus estava dizendo quando ele falava "claramente" *do que quando* usando "figuras [de linguagem]". "Então os discípulos de Jesus disseram: 'Agora estás falando claramente, e não por figuras. Agora podemos perceber que sabes todas as coisas e nem precisas que te façam perguntas. Por isso cremos que vieste de Deus'". [2]

O versículo 29 mostra que provérbios, parábolas, e figuras de linguagem não tornam necessariamente as verdades espirituais mais fáceis de entender; antes, elas frequentemente obscurecem as verdades espirituais até que as explicações sejam dadas em discurso claro. Os discípulos obviamente preferiam a linguagem direta e não-metafórica.

Para parafrasear, os discípulos estão dizendo para Jesus: "Você parou de usar figuras de linguagem, parábolas e provérbios. Ao invés disso, você está falando claramente e sem ambigüidade. Por causa disso, agora entendemos o que você está dizendo. E sob o entendimento do que você está dizendo, agora temos um maior reconhecimento dos discernimentos divinos em suas palavras, de forma que percebemos que sabes todas as coisas, e cremos que foste enviado por Deus".

Visto que foi através do discurso claro que Jesus foi capaz de revelar sua grandeza aos discípulos, isso implica que a figura de linguagem frequentemente obscurece sua grandeza. Quando Jesus falava em parábolas, muitas pessoas na audiência não podiam entendê-lo, e, portanto, falhavam em apreciar a largura e a profundidade dos discernimentos divinos em suas palavras. Mas quando Jesus falava claramente, aqueles

[2] "Figuras de linguagem" (NIV) aqui pode se referir a "provérbios" ou parábolas.

que ouviam podiam mais rapidamente reconhecer o conhecimento e autoridade que ele possuía.

Não somente os discípulos falharam em entender a parábola fundacional, mas eles também falharam em entender muitas das outras parábolas. Mateus 13:34-36 diz:

> Jesus falou todas estas coisas à multidão por parábolas. Nada lhes dizia sem usar alguma parábola, cumprindo-se, assim, o que fora dito pelo profeta: "Abrirei minha boca em parábolas, proclamarei coisas ocultas desde a criação do mundo". Então ele deixou a multidão e foi para casa. Seus discípulos aproximaram-se dele e pediram: "Explica-nos a parábola do joio no campo".

Os discípulos não somente falharam em entender a parábola do semeador, mas também a parábola do joio no campo.

Visto que João 16:29-30 mostra que os discípulos acharam os ensinos de Jesus fáceis de entender somente quando ele falava em discurso claro, ao invés de em parábolas, é provável que eles falharam em entender muitas ou a maioria das parábolas que Jesus falou até que ele lhes desse as interpretações corretas daquelas parábolas. Mas a vasta maioria dos seus ouvintes nunca teve a oportunidade de ouvir aquelas explicações, visto que Jesus expôs as mesmas em privado aos seus discípulos mais íntimos.

Os discípulos parecem reconhecer que, como eles mesmos, as pessoas não podiam entender as parábolas de Jesus, e assim, eles perguntaram a Jesus o porquê ele as usava: "Os discípulos aproximaram-se dele e perguntaram: 'Por que falas ao povo por parábolas?'" (Mateus 13:10). Em outras palavras, eles estavam dizendo: "Por que falas a eles em parábolas? Por que não dizes a eles simplesmente o que você quer dizer? Por que tens que obscurecer o seu significado através do uso de parábolas?".

Então, o próprio Jesus admitiu que o uso das parábolas evitaria que muitas pessoas entendessem seus ensinos, e que essa era a sua própria intenção:

> Ele respondeu: "A vocês foi dado o conhecimento dos mistérios do Reino dos céus, mas a eles não... Por essa razão eu lhes falo por parábolas: 'Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem'. Neles se cumpre a profecia de Isaías: 'Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão'" (Mateus 13:11, 13-14).

Jesus usou parábolas principalmente, não para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender; antes, o próprio oposto era verdade, de forma que pelo menos uma das razões pelas quais ele usou parábolas foi para obscurecer o significado de seus ensinos.

Retornando para Mateus 13:13-14: "Por essa razão eu lhes falo por parábolas: 'Porque vendo, eles não vêem e, ouvindo, não ouvem nem entendem'. Neles se cumpre a profecia de Isaías: 'Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão;ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão'". Assim, Jesus usou parábolas como os meios pelos quais ele ocultaria as verdades espirituais daqueles a quem Deus tinha

ordenado que permanecessem sem iluminação. Em contraste, Jesus falou em parábolas para que por meio *das explicações* dessas parábolas a indivíduos selecionados, ele concedesse entendimento espiritual àqueles a quem Deus tinha ordenado serem iluminados.

> Parábolas requerem muito pensamento para captar seu significado. Uma pessoa que realmente procura a Deus deverá buscar, se esforçar, pensar e perguntar até que ela possa encontrar o significado da parábola. E então ela refletirá sobre o assunto, traçando todos os significados que ela poderia tirar da parábola para que possa aprender tudo que for possível sobre Deus... Jesus queria ocultar a verdade das mentes fechadas... a [mente] carnal não está disposta a tomar o tempo ou o esforço necessário para encontrar o significado da parábola. Jesus realmente diz que ele queria que o significado fosse oculto das mentes fechadas. [3]

Se Deus abriu sua mente para a sua palavra (Atos 16:14), então você irá sincera e diligentemente buscá-lo pensando seriamente sobre as palavras da Escritura, e esse é o meio pelo qual Deus lhe concederá mais entendimento espiritual. Como Paulo escreve: "Reflita no que estou dizendo, pois o Senhor lhe dará entendimento em tudo" (2 Timóteo 2:7).

Dessa forma, as parábolas podem ajudar o crescimento espiritual de alguém que busca a Deus, visto que essa pessoa precisa submergir nas parábolas e suas explicações. Por outro lado, essas parábolas impedirão uma pessoa cuja mente não foi aberta por Deus, visto que ela não buscará sincera e diligentemente o entendimento espiritual como alguém cuja mente foi aberta por Deus.

Contudo, se as "parábolas requerem muito pensamento para captar seu significado", por que muitas pessoas pensam que elas são mais fáceis de entender? Também, se as parábolas são muito mais difíceis, porque alguém assumiria que Jesus as usou para tornar as verdades espirituais mais fáceis de entender? [4]

A resposta é que as parábolas parecem ser mais fáceis de entender do que elas realmente são porque a Bíblia inclui as interpretações de muitas delas, e essas explicações não estavam disponíveis àqueles que primeiramente ouviram as parábolas com a exceção dos discípulos mais íntimos de Jesus.

Por exemplo, após relatar a parábola do semeador, a Bíblia também inclui sua interpretação. Na passagem, Jesus fala sobre uma pessoa semeando semente no chão, mas visto que havia diferentes tipos de solo, as sementes se comportaram diferentemente em cada tipo. Após isso, quando ele está sozinho com os discípulos, ele explica que a semente era a palavra de Deus, e os tipos diferentes de solo representavam as diferentes condições internas nas pessoas.

---

[3] *Practical Word Studies in the New Testament, Vol. 2*; Alpha-Omega Ministries, Inc., 1998; p.1500-1501.

[4] Em todo caso, muitos daqueles que pensam que as parábolas são mais fáceis de entender, frequentemente interpretam incorretamente as mesmas.

Sem essa explicação, como podemos supor saber que a semente é realmente a palavra de Deus? É concebível que a semente possa representar outras coisas além da palavra de Deus, sem danificar a coerência da história. Sem uma explicação direta, alguém pode não ser capaz de dizer o que a parábola significa. Embora nenhuma interpretação explícita seja dada para algumas das parábolas na Bíblia, os Evangelhos as coloca dentro de contextos definitivos, fazendo possível entendê-las. Dado os contextos apropriados, os significados de algumas parábolas se tornam óbvios (veja Marcos 12:12), mesmo sem explicações explícitas.

Embora haja princípios básicos que uma pessoa deva observar quando lendo qualquer parte da Bíblia, tal como respeitar o contexto da passagem, há princípios específicos para se entender as parábolas.

Cada parábola contém uma idéia principal. Uma vez que tenhamos descoberto a mesma, ela deve governar nossa interpretação e aplicação da parábola. Embora alguns têm argumentado que algumas parábolas contém várias idéias principais, podemos estar certos de que é um equívoco derivar várias doutrinas e aplicações de cada parábola. Mas muitos cristãos cometem esse erro.

Nem todo detalhe numa parábola simboliza algo. Muitas pessoas vasculham cada parábola tentando descobrir o que cada objeto ou pessoa na parábola representam: “O que isso significa? O que aquilo significa?”. Algumas vezes um certo objeto ou pessoa não representam algo doutrinariamente significante por si mesmo. Ele está ali simplesmente como parte da história.

Deixe-me dar dois exemplos. O primeiro vem de Mateus 22:10-13, onde lemos:

> Então os servos saíram para as ruas e reuniram todas as pessoas que puderam encontrar, gente boa e gente má, e a sala do banquete de casamento ficou cheia de convidados. “Mas quando o rei entrou para ver os convidados, notou ali um homem que não estava usando veste nupcial. E lhe perguntou: ‘Amigo, como você entrou aqui sem veste nupcial?’ O homem emudeceu. “Então o rei disse aos que serviam: ‘Amarrem-lhe as mãos e os pés, e lancem-no para fora, nas trevas; ali haverá choro e ranger de dentes’.

Alguns cristãos interpretam a “veste nupcial” nessa parábola como o batismo com água, concluindo que uma pessoa não é salva sem ter sido batizada em água. Eles também afirmam que o costume da igreja primitiva era fornecer vestes aos candidatos batismais, e essas são as vestes nupciais nesta parábola. Mas os eruditos não podem encontrar nenhuma evidência de que tal costume existiu, e não há nenhuma indicação que a “veste nupcial” na parábola se refira ao batismo com água.

Baseado nessa parábola somente, ninguém pode afirmar que alguém sofrerá o castigo eterno no inferno se ele professa Cristo sem ser também batizado em água. De fato, não temos nenhuma indicação de que qualquer parte dela ao menos se dirija ao tópico de batismo. Para dizer de outra forma, isso é impor as pressuposições teológicas de alguém sobre a passagem.

Outro exemplo vem de Lucas 10:27-37, ou a parábola do Bom Samaritano:

> Ele respondeu: "'Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todas as suas forças e de todo o seu entendimento' 'Ame o seu próximo como a si mesmo'". Disse Jesus: "Você respondeu corretamente. Faça isso, e viverá". Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: "E quem é o meu próximo?" Em resposta, disse Jesus: "Um homem descia de Jerusalém para Jericó, quando caiu nas mãos de assaltantes. Estes lhe tiraram as roupas, espancaram-no e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu estar descendo pela mesma estrada um sacerdote. Quando viu o homem, passou pelo outro lado. E assim também um levita; quando chegou ao lugar e o viu, passou pelo outro lado. Mas um samaritano, estando de viagem, chegou onde se encontrava o homem e, quando o viu, teve piedade dele. Aproximou-se, enfaixou-lhe as feridas, derramando nelas vinho e óleo. Depois colocou-o sobre o seu próprio animal, levou-o para uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte, deu dois denários ao hospedeiro e lhe disse: 'Cuide dele. Quando eu voltar lhe pagarei todas as despesas que você tiver'. "Qual destes três você acha que foi o próximo do homem que caiu nas mãos dos assaltantes?". "Aquele que teve misericórdia dele", respondeu o perito na lei. Jesus lhe disse: "Vá e faça o mesmo".

Agostinho interpretou essa parábola da seguinte forma: o homem é Adão; Jerusalém é a cidade celestial; Jericó é a lua, representando a mortalidade; os ladrões são Satanás e os demônios; tirar as roupas do homem representa remover a imortalidade do homem; espancá-lo representa fazê-lo pecar; o sacerdote e o levita são o sacerdócio e o sistema religioso do Antigo Testamento; o samaritano é Jesus; enfaixar as feridas representa a contenção do pecado; o óleo e o vinho representam esperança e encorajamento; o animal é a Encarnação; a hospedaria é a igreja; o dia seguinte é após a ressurreição de Cristo; o hospedeiro representa o apóstolo Paulo; as duas moedas de prata são os dois mandamentos de amor; e a promessa de pagar se for gasto mais é a promessa da vida porvir.

O mínimo que se pode dizer é que essa interpretação é extremamente impossível. Dependendo das suas pressuposições teológicas, uma pessoa pode forçar os objetos na parábola representarem diferentes coisas, e aparentemente sem destruir a coerência da história. Para o pentecostal, o óleo pode ser a regeneração e o vinho pode ser o batismo do Espírito Santo. Para o dispensacionalista, as duas moedas de prata podem representar dois mil anos.

Contudo, não há nenhuma base legítima a partir da qual possamos afirmar qualquer uma dessas opiniões. Assim, deveríamos evitar tentar fazer com que cada objeto na parábola represente alguma coisa; antes, deveríamos nos focar sobre a ênfase principal da parábola. Nesse caso, Jesus está respondendo à pergunta "quem é o meu próximo?". O contexto deveria estabelecer os limites para a interpretação.

Você pode ter estado em grupos de estudo bíblico onde as pessoas ocupam-se em expressar suas opiniões sobre as passagens que estão estudando. Você pode as ter

ouvido dizer: “Eu penso que isso significa...”, “Para mim isso significa”, ou “O Espírito Santo me mostrou que isso significa...”, quando na realidade elas não têm nenhuma idéia do que as passagens significam. Tais exibições vergonhosas podem ser vistas em toda seção, e as parábolas de Jesus não estão imunes ao abuso deles.

Se um grupo de estudo bíblico não tem um líder versado, ou se o líder está ali apenas para manter a ordem, então ele pode rapidamente se degenerar num lugar que encoraja as opiniões ignorantes e subjetivas com respeito às coisas de Deus. Nenhuma edificação genuína ocorre; antes, várias opiniões contraditórias são oferecidas, todas das quais podem estar equivocadas, resultando numa grande confusão. Mas para evitar ofender alguém, nenhuma interpretação é denunciada como falsa. Tal grupo não serve para nenhum propósito construtivo e deveria ser reestruturado ou desfeito. Tal abuso grosseiro da Escritura, onde as passagens bíblicas são reduzidas a veículos para expressar as opiniões privadas de alguém, deve cessar para que o verdadeiro crescimento espiritual ocorra.

Pedro adverte que as pessoas ignorantes e instáveis distorcem a Escritura para a própria destruição delas (2 Pedro 3:16). Muitos cristãos cobiçam o privilégio de serem ouvidos, mas desdenham da responsabilidade de se prepararem para discussões inteligentes através de estudos teológicos vigorosos. Aqueles que não estão qualificados para oferecer contribuições significantes para a discussão bíblica deveriam permanecer calados, e aprender a partir de outros até que eles comecem a amadurecer no entendimento. A interpretação bíblica não é uma disciplina democrática, onde a opinião de todo mundo conta. Como Eclesiastes 5:1-3 diz:

> Quando você for ao santuário de Deus, seja reverente. Quem se aproxima para ouvir é melhor do que os tolos que oferecem sacrifício sem saber que estão agindo mal. Não seja precipitado de lábios, nem apressado de coração para fazer promessas diante de Deus. Deus está nos céus, e você está na terra, por isso, fale pouco. Das muitas ocupações brotam sonhos; do muito falar nasce a prosa vã do tolo.

Em adição, Tiago 3:1 diz: “Meus irmãos, não sejam muitos de vocês mestres, pois vocês sabem que nós, os que ensinamos, seremos julgados com maior rigor”. Considerando a falta de conhecimento bíblico preciso nos cristãos de hoje em dia, a maioria deles não deveria presumir ser mestres, mas antes deveriam permanecer calados na igreja, até que a sua ignorância e infidelidade às Escrituras tivessem sido remediadas.

2. SOBRE OUVIR

As parábolas sobre ouvir a palavra de Deus provavelmente constituem o tipo mais importante de parábolas. Visto que elas nos ensinam como ouvir de maneia apropriada a palavra de Deus, seguir os princípios que elas nos ensinam nos capacitará a ouvir apropriadamente as outras parábolas, e também as outras porções da Escritura que não são parábolas.

Começaremos com a parábola do semeador. Mateus 13:3-9 descreve a parábola da seguinte forma:

> Jesus falou muitas coisas por parábolas, dizendo: "O semeador saiu a semear. Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram. Parte dela caiu em terreno pedregoso, onde não havia muita terra; e logo brotou, porque a terra não era profunda. Mas quando saiu o sol, as plantas se queimaram e secaram, porque não tinham raiz. Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas. Outra ainda caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um. Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!".

Então, nos versículos 19-23, Jesus dá a seguinte explicação:

> Quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, o Maligno vem e lhe arranca o que foi semeado em seu coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho. Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona. Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera. E, finalmente, o que foi semeado em boa terra: este é aquele que ouve a palavra e a entende, e dá uma colheita de cem, sessenta e trinta por um".

Assim, a semente é a pessoa que distribui, publica ou prega a palavra de Deus. As pessoas que ouvem a palavra de Deus são representadas por diferentes tipos de terreno ou solo, nos quais a palavra de Deus tem diferentes efeitos. Há quatro tipos de terrenos:

1. O caminho: "Enquanto lançava a semente, parte dela caiu à beira do caminho, e as aves vieram e a comeram".

2. O terreno pedregoso: "Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo,

permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona".

3. Os espinhos: "Outra parte caiu entre espinhos, que cresceram e sufocaram as plantas".

4. A boa terra: "Outra ainda caiu em boa terra, deu boa colheita, a cem, sessenta e trinta por um".

A importância dessa parábola torna-se evidente quando Jesus diz aos seus discípulos: "Vocês não entendem esta parábola? Como, então, compreenderão todas as outras?" (Marcos 4:13). Isso indica que ela é uma parábola fundacional, e entendê-la te capacitará a ouvir apropriadamente a palavra de Deus, o que, consequentemente, te capacitará a ouvir apropriadamente outras parábolas, bem como o restante da Escritura. Por outro lado, se você falha em entender até mesmo essa parábola, você terá dificuldade para entender as outras.

Não muitos cristãos professos são espiritualmente produtivos, mas a maioria deles desejariam ser. A parábola do semeador nos dá o fundamento para a produtividade espiritual, mostrando-nos que a chave para produzir fruto é ouvindo a palavra de Deus com a condição interior correta. Agora, há quatro tipos de terrenos na parábola, mas somente o quarto consegue produzir. Assim, embora ouvir a palavra de Deus seja a chave para a fertilidade, muitas pessoas ouvem a palavra de Deus sem produzir fruto porque elas têm a condições interiores erradas.

Essa parábola lista várias razões pelas quais uma pessoa pode ouvir a palavra, mas falhar em ser espiritualmente produtiva.

O versículo 19 diz: "Quando alguém ouve a mensagem do Reino e não a entende, o Maligno vem e lhe arranca o que foi semeado em seu coração. Este é o que foi semeado à beira do caminho". Se você ouve a palavra de Deus, mas falha em entendê-la, então a palavra de Deus não produzirá fruto em você, e sua vida espiritual permanecerá estéril.

Quando uma semente é semeada "à beira do caminho", ela não entra no solo para que possa enraizar e crescer. Similarmente, uma pessoa que ouve a palavra de Deus, mas não entende o que ela ouve fracassará em reter ou aplicá-la. Então, o "maligno vem" e arranca a palavra de Deus dela. Se a palavra de Deus não for absorvida pela mente através do entendimento, provavelmente ela será perdida, assim como um sonho pode escapulir após uma pessoa acordar de manhã. Pode ser como se a pessoa nunca tivesse ouvido a palavra de Deus de forma alguma.

Então, os versículos 20-21 dizem: "Quanto ao que foi semeado em terreno pedregoso, este é aquele que ouve a palavra e logo a recebe com alegria. Todavia, visto que não tem raiz em si mesmo, permanece pouco tempo. Quando surge alguma tribulação ou perseguição por causa da palavra, logo a abandona". Esses dois versículos referem-se a uma pessoa que concorda com a palavra de Deus, mas visto que a palavra não enraíza em seu coração, para que possa transformá-la, ela não tem força para reter o que ouviu. Quando surgem problemas e perseguições, "logo a abandona".

Se a palavra de Deus não enraíza em sua vida para que ela transforme e reestruture sua mente, então você achará difícil continuar afirmando e obedecendo ao que você ouviu, quando pessoas e circunstâncias testam sua postura. Esse é um problema muito comum. Muitas pessoas parecem ser excitadas com os ensinos da Escritura, mas o comprometimento delas frequentemente falha em se opor aos menores testes. Aqueles que são assim provavelmente logo abandonarão.

Ser muito preocupado com as coisas mundanas é também uma razão comum para a esterilidade espiritual. O versículo 22 diz: "Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera". Se você permite que as coisas desse mundo dominem o seu pensamento, você será espiritualmente infrutífero. Como Jesus diz em outro lugar: "Ninguém pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro... Pois onde estiver o seu tesouro, aí também estará o seu coração" (Mateus 624,21). Você reivindica concordar com as palavras de Jesus que "a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens" (Lucas 12:15), mas você crê realmente nisso?

Paulo escreve: "Nenhum soldado se deixa envolver pelos negócios da vida civil, já que deseja agradar aquele que o alistou" (2 Timóteo 2:4). O Salmo 19 nos lembra que o temor de Deus e a palavra de Deus são "são mais desejáveis do que o ouro, do que muito ouro puro; são mais doces do que o mel, do que as gotas do favo" (v. 9-10). Muitos cristãos professos ainda estão focados em buscar riqueza ao invés de conhecimento sobre Deus, pois eles não crêem realmente que o temor de Deus e a palavra de Deus são mais desejáveis do que o ouro. Por outro lado, a Escritura testifica que somente o conhecimento sobre Deus é um fim digno de ser desejável:

> Assim diz o Senhor: "Não se glorie o sábio em sua sabedoria nem o forte em sua força nem o rico em sua riqueza, mas quem se gloriar, glorie-se nisto: em compreender-me e conhecer-me, pois eu sou o Senhor e ajo com lealdade, com justiça e com retidão sobre a terra, pois é dessas coisas que me agrado", declara o Senhor. (Jeremias 9:23-24)

Em contraste aos terrenos defeituosos acima, a "boa terra" na parábola "são os que, com coração bom e generoso, ouvem a palavra, a retêm e dão fruto, com perseverança" (Lucas 8:15). Uma pessoa cujo coração é como a boa terra não somente "entende" o que ela ouve (Mateus 13:23), mas ela suporta fielmente a perseguição e aflição sem comprometer o entendimento lhe dado – "com perseverança", ela "[dá] fruto". A palavra de Deus não é sufocada nela porque os assuntos mundanos não dominam seu pensamento. Ela tem um "coração bom e generoso".

Portanto, a pessoa que se torna espiritualmente produtiva através do ouvir a palavra de Deus tem as seguintes características: ela entende o que ouve, suporta as dificuldades, e tem uma mente espiritual, e não mundana. Uma pessoa espiritualmente produtiva entende e persiste nas verdades bíblicas que ela aprende da Escritura. Pela graça de Deus, essas verdades bíblicas têm alterado seu pensamento sobre a vida, resultando em mudanças substanciais em seu comportamento. Ela recusa permitir que o mundo defina suas prioridades. Ela está sendo transformada pela palavra de Deus (Romanos 12:2).

Uma pessoa pode algumas vezes sofrer dificuldades por ter se comprometido a crer e obedecer as verdades bíblicas que aprendeu. Aqueles sem perseverança podem comprometer sua fé, e, portanto, se tornarem espiritualmente estéreis. Mas Deus não nos deixa desprotegidos. As próprias verdades bíblicas constituem as armas com as quais você pode sobrepujar a oposição e pressão. Deus lhe deu "o escudo da fé", e "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus" (Efésios 6:16-17).

Mateus 13:9 é tanto instrutivo como sóbrio: "Aquele que tem ouvidos para ouvir, ouça!". Muitos daqueles que ouvem a palavra de Deus não fazem as mudanças apropriadas em suas vidas. Embora algumas delas possam parecer receber a palavra de Deus com alegria (Mateus 13:20), elas não reterão ou obedecerão o que ouvem. Esses permanecerão estéreis. Por outro lado, aqueles que ouvem e obedecem se tornarão espiritualmente frutíferos. Como Jesus diz em Mateus 7:24-27:

> Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela não caiu, porque tinha seus alicerces na rocha. Mas quem ouve estas minhas palavras e não as pratica é como um insensato que construiu a sua casa sobre a areia. Caiu a chuva, transbordaram os rios, sopraram os ventos e deram contra aquela casa, e ela caiu. E foi grande a sua queda.

O insensato não leva a Escritura suficientemente a sério para retê-la e obedecê-la, mas o homem prudente reestruturará sua vida inteira de acordo com os ensinos da Escritura, e construirá todo o seu pensamento e conduta sobre a rocha sólida da revelação bíblica.

Nossa discussão sobre ouvir a palavra de Deus continua com um estudo da parábola da semente como registrado em Marcos 4:26-29. Visto que o contexto dessa passagem segue o relato de Marcos da parábola do semeador, podemos continuar a ver a "semente" como a palavra de Deus, e aplicar a parábola ao ouvir a palavra de Deus e ao crescimento espiritual. Dito isso, essa parábola aplica-se a como o reino de Deus cresce em geral. Inicialmente, o reino de Deus carrega somente uma pequena influência sobre esse mundo, mas então ele expande e ganha força (veja Marcos 4:30-32). Assim, o reino de Deus como um todo é semelhante a uma semente, mas dessa vez aplicaremos isso à vida espiritual de um indivíduo.

Não pode haver nenhuma mudança ou crescimento genuíno na vida de uma pessoa sem a palavra de Deus, assim como é impossível produzir fruto sem plantar as sementes. Visto que ouvir ocupa um lugar tão importante, devemos prestar atenção às advertências de Jesus para "considerar atentamente *o que* vocês estão ouvindo" (Marcos 4:24) e para "considerar atentamente *como* vocês estão ouvindo" (Lucas 8:18). Devemos ser cuidadosos sobre as sementes que caem em nossa mente, e também cuidadosos sobre como ouvimos – isto é, examinar que tipo de terra somos. A semente deve ser a correta, e a terra deve ser a correta. Em outras palavras, devemos tomar cuidado sobre as idéias que entram em nossas mentes, e também sermos cuidadosos sobre como processamos essas idéias.

A parábola da semente é a seguinte:

> O Reino de Deus é semelhante a um homem que lança a semente sobre a terra. Noite e dia, estando ele dormindo ou acordado, a semente germina e cresce, embora ele não saiba como. A terra por si própria produz o grão: primeiro o talo, depois a espiga e, então, o grão cheio na espiga. Logo que o grão fica maduro, o homem lhe passa a foice, porque chegou a colheita (Marcos 4:26-29).

Um crescimento espiritual grande geralmente não vem subitamente ou num período curto de tempo, embora isso aconteça algumas vezes. Uma semente na terra cresce em estágios: "Primeiro o talo, depois a espiga e, então, o grão cheio na espiga". Assim acontece com o crescimento espiritual – uma pessoa não se torna imediatamente um "grão cheio na espiga". Visto que esse é o caso, o crescimento espiritual não pode ser medido ou percebido sobre a base diária. Algumas vezes Deus nos concede um crescimento espiritual tremendo dentro de um tempo muito curto, mas isso é a exceção e não a norma. Ao dizer que o crescimento espiritual é gradual, não estamos dizendo que ele deve ser lento, visto que o termo também se aplica ao crescimento rápido consistente. Mas estamos falando de um processo, seja lento ou rápido.

Quando a semente primeiro germina e começa a crescer abaixo da superfície, isso não é perceptível ao observador. Mas a semente ainda está crescendo. Similarmente, o crescimento espiritual ocorre primeiramente abaixo da superfície de sua consciência imediata, e você pode ser incapaz de perceber algum progresso num determinado dia qualquer. Mas se a palavra de Deus está de fato transformando e reestruturando sua vida interior, então você está crescendo no espírito, quer você possa ou não sentir ou medir isso num determinado dia qualquer. Você pode não ser capaz de detectar algum progresso numa semana ou num mês, mas se você olhar para trás num período de um ano ou vários anos, notará diferenças significantes.

Muitos pregadores sustentam que os cristãos devem crescer espiritualmente todos os dias. Num sermão típico, eles podem dizer algo parecido com isso: "Hoje, você deve ter mais entendimento, mais sabedoria, mais amor, mais paciência, mais dedicação, mais santidade do que tinha ontem. De outra forma, há algo errado em sua vida espiritual". Embora devamos avançar diariamente em nossa vida cristã, declarações como essas podem ser enganosas. Nem sempre é fácil dizer que alguém está crescendo com base num período muito curto de tempo. Não há causa para se alarmar se você não observar algum crescimento espiritual em si mesmo ontem ou na semana passada. Contudo, se não há nenhuma progresso detectável nos vários meses passados, então isso é uma indicação de que algo está errado.

A parábola nos diz que a terra produz "por si própria". Embora o crescimento espiritual pareça exigir muito esforço de você, o elemento pivô é a interação entre a sua mente e a palavra de Deus. Paulo escreve:

> Ó gálatas insensatos! Quem os enfeitiçou? Não foi diante dos seus olhos que Jesus Cristo foi exposto como crucificado? Gostaria de saber apenas uma coisa: foi pela prática da Lei que vocês receberam o Espírito, ou pela fé naquilo que ouviram? Será

> que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio? Será que foi inútil sofrerem tantas coisas? Se é que foi inútil! Aquele que lhes dá o seu Espírito e opera milagres entre vocês realiza essas coisas pela prática da Lei ou pela fé com a qual receberam a palavra? (Gálatas 3:1-5)

Referindo-se ao seu encontro inicial com os gálatas, Paulo está na verdade lhes dizendo: "Você foram regenerados e convertidos pela observação da lei ou por crer no que vocês ouviram?". Então, ele diz no versículo 3: "Será que vocês são tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, querem agora se aperfeiçoar pelo esforço próprio?". Embora Deus espere que nos esforcemos e lutemos em nossa santificação, a perfeição espiritual não vem pelo esforço humano. Qualquer esforço ou luta válida que façamos nos vem pela energia que Deus supre por seu Espírito Santo (Colossenses 1:29).

Deus te salvou não porque você era bom, mas ele dispôs tudo para que você ouvisse a mensagem do evangelho e te regenerasse por sua vontade soberana. O crescimento espiritual após a conversão ainda é baseado em se ouvir a palavra de Deus e em sua obra soberana em suas mentes.

Lucas 10:38-42 relata um incidente concernente a Maria e Marta que ilustra a prioridade de se ouvir a palavra de Deus.

> Caminhando Jesus e os seus discípulos, chegaram a um povoado, onde certa mulher chamada Marta o recebeu em sua casa. Maria, sua irmã, ficou sentada aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra. Marta, porém, estava ocupada com muito serviço. E, aproximando-se dele, perguntou: "Senhor, não te importas que minha irmã tenha me deixado sozinha com o serviço? Dize-lhe que me ajude!" Respondeu o Senhor: "Marta! Marta! Você está preocupada e inquieta com muitas coisas; todavia apenas uma é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada".

Jesus diz: "Apenas uma [coisa] é necessária. Maria escolheu a boa parte, e esta não lhe será tirada". O que Maria estava fazendo que era tão recomendável? O que era essa uma coisa que era "necessária"? Ele estava sentada "aos pés do Senhor, ouvindo a sua palavra". Por outro lado, Marta "estava ocupada com muito serviço". Aqueles que são muitos ativos em fazer boas obras frequentemente pensam que eles são superiores e queixam-se contra aqueles que escolhem dar ouvidos à palavra de Deus em primeiro lugar em suas vidas. Mas aqueles que estão ouvindo a Palavra de Deus "escolheram a boa parte".

Alguns cristãos pensam que eles têm a aprovação de Deus por causa da abundância de boas obras deles, e desprezam aqueles que fazem dos estudos bíblicos e teológicos a sua prioridade. Eles dão grande ênfase à oração, ao evangelismo e a ajudar os necessitados. Contudo, sem um conhecimento correto e abrangente da palavra de Deus, eles não podem saber como realizar apropriadamente essas atividades. Sem a palavra de Deus para julgar e governar todos os nossos pensamentos e ações, podemos apenas assumir que nossas "boas" obras são verdadeiramente boas baseado em nossas intenções somente, mas sem justificação escriturística.

Contra tal pensamento popular, a Bíblia afirma a prioridade do ministério da palavra – pregar e ouvir doutrinas bíblicas – sobre os ministérios de oração, evangelismo, aconselhamento, música, caridade e tudo o mais. Os últimos ministérios devem todos eles ser fundamentados e governados pela Escritura; de outra forma, não serão ministérios legítimos.

Jesus disse: "Maria escolheu a boa parte, e *esta não lhe será tirada*". Ao invés de exortar os cristãos a gastarem mais tempo em oração e evangelismo às custas de ouvir a palavra de Deus, devemos dar prioridade ao estudo das doutrinas bíblicas, e deixar a oração, o evangelismo e outros ministérios serem os efeitos de nosso ouvir e receber a palavra de Deus. Tais boas obras virão da energia divina do Espírito Santo, e não pela força da carne.

O progresso espiritual depende da vida da semente, não dos esforços do fazendeiro. Alguns detalhes pertencentes à agricultura, tal como o arar e cultivar, foram omitidos dessa parábola, pois sua ênfase é que o crescimento vem da vida na semente. Certamente, sabemos que a terra precisa ser arada e regada, mas "nem o que planta nem o que rega são alguma coisa, mas unicamente Deus, que efetua o crescimento" (1 Corinthians 3:7). O crescimento espiritual não vem através dos esforços carnais, mas vem de um ato de Deus dando-nos vida por meio de sua palavra.

Certamente, isso não dá a alguém uma escusa para a licenciosidade ou indiferença com respeito às coisas espirituais. 2 Timóteo 2:15 diz: "Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade". Em outras palavras, trabalhe duro para se apresentar aprovado a Deus por ser diligente em alcançar um conhecimento bíblico correto. Agora, visto que estamos dizendo que o crescimento espiritual e a produtividade vêm da atividade de Deus na mente por meio de sua palavra, e visto que estamos dizendo também que isso de forma alguma torna a diligência desnecessária, é muito relevante discutir o papel da pesquisa e estudo diligente quando diz respeito à interpretação bíblica.

Especialmente importante para os nossos dias é observar que, embora a iluminação pelo Espírito Santo seja crucial para a interpretação bíblica correta, tal iluminação frequentemente chega somente por meio e nas ocasiões de um estudo diligente e de uma reflexão sobre a Escritura, e não por uma recepção passiva de informação da parte do Espírito.

Certamente o Espírito tem um papel na interpretação bíblica. É fácil para um não-cristão – alguém que não tem o Espírito – distorcer o significado da Escritura, pois "ninguém pode ver o Reino de Deus, se não nascer de novo" (João 3:3). É irracional esperar que alguém que seja cego por Satanás (2 Coríntios 4:4), e que percebe seu mundo quase inteiramente através de pressuposições anti-cristãs, manuseie a Escritura sem distorção ou preconceito.

Em adição, Deus tem dado a alguns uma sabedoria e conhecimento maior do que a outros cristãos. Por exemplo, Deus deu a Paulo sabedoria, de forma que dele vieram discernimentos que até mesmo Pedro admite como "difíceis de entender" (2 Pedro 3:15-16). Lucas descreve Apolo como um "homem culto e [que] tinha grande conhecimento das Escrituras. Fora instruído no caminho do Senhor..." (Atos 18:24-25). De fato, Deus

chamou alguns para serem “mestres” (1 Coríntios 12:28-29; Efésios 4:11), e nem todos são dotados por Deus através da capacitação do Espírito Santo para realizar tais funções. Portanto, reconhecemos o papel do Espírito Santo na interpretação da Bíblia.

Por outro lado, condenamos a abordagem subjetiva, irracional, anti-intelectual e passiva que muitos cristãos professos assumem para com a Bíblia, e que eles frequentemente atribuem à orientação do Espírito. Eles assumem que para entender a Bíblia, eles precisam apenas ler passagens dela, limpar suas mentes de distrações e pensamentos, e o Espírito Santo relevará tremendos discernimentos a eles. Tal abordagem mística tem gerado varias heresias, mas parece que muitos cristãos professos assumem que essa é a maneira correta de “estudar” a Bíblia.

Eles consideram reflexões, discussões, debates, comentários, livros-textos e coisas semelhantes como meios não-espirituais e inferiores para alcançar o entendimento espiritual. Teólogos são considerados os inimigos do Cristianismo e a pregação doutrinária é desprezada como tediosa e irrelevante, mesmo que essas coisas sejam o que mantém a igreja viva num mundo que é hostil às suas idéias. Elas são a nossa esperança de reganhar a posição superior nas discussões acadêmicas, que geram e propagam idéias que eventualmente escorrem para as multidões para direcionar a história e a civilização. Como J. P. Moreland observa:

> Permitimos um ou outro continuar aplicando um entendimento de uma passagem que é baseado em sentimentos vagos ou primeiras impressões e não sobre uma tarefa árdua de ler comentários e usar ferramentas de estudo tais como concordâncias, dicionários bíblicos e coisas semelhantes. Por quê? Porque um exercício cuidadoso da razão não é importante no entendimento do que a Bíblia diz para muitos de nós...
>
> Por causa da natureza da Bíblia, um estudo sério é necessário para captar o que ela diz. Certamente, a Escritura contém porções mais fáceis de captar, que são bastante claras. Mas algumas delas são muito difíceis, intelectualmente falando... Quanto mais uma pessoa desenvolver a mente e o entendimento de hermenêutica... mais ele ou ela será capaz de entender o significado ou importância das Escrituras.
>
> Desafortunadamente, muitos hoje aparentemente pensam que a tarefa intelectual árdua não é necessária para se entender a revelação proposicional de Deus para nós. Pelo contrário, eles crêem que o Espírito Santo simplesmente fará conhecido o significado de um texto se implorarmos que ele o faça. Tragicamente, isso representa um mal-entendimento do papel do Espírito no entendimento das Escrituras…. [5]

Retornando à parábola, deveríamos perseguir o progresso espiritual, mas é a palavra de Deus entendida e crida em nossas mentes que nos leva à nossa maturidade espiritual.

[5] J. P. Moreland, *Love Your God With All Your Mind*; Colorado Springs, Colorado: Navpress, 1997; p. 26, 45-47.

Esse é o porquê aquele que planta e rega é quase excluído da parábola. O fazendeiro na parábola meramente observa o crescimento, e não causa ou ajuda o mesmo. Embora a Bíblia nos ensine a sermos diligentes, e a lutarmos e nos esforçarmos em perseguir a santificação, ela diz que até mesmo nossa diligência vem somente da obra soberana de Deus: "Assim, meus amados, como sempre vocês obedeceram, não apenas na minha presença, porém muito mais agora na minha ausência, ponham em ação a salvação de vocês com temor e tremor, pois é Deus quem efetua em vocês tanto o querer quanto o realizar, de acordo com a boa vontade dele" (Filipenses 2:12-13). Isso é assim para que Deus somente receba toda a glória.

Ministros deveriam promover crescimento espiritual através da palavra de Deus e não através de seus esforços carnais. Em sua avidez de promover crescimento e atividade espiritual nas suas congregações, muitos pastores empenham-se eles mesmos em promover programas evangelísticos, reuniões de oração, e outros programas de igreja. Embora essas coisas possam ser boas, nosso foco deveria ser promover crescimento espiritual entre as pessoas pregando a palavra de Deus. Promova a palavra de Deus ao invés de atividades espirituais como essas. Ensine-as a serem como Maria primeiro, que elas deveriam se sentar aos pés do Senhor e ouvir sua palavra, e então saírem e realizar apropriadamente seus deveres espirituais.

Marcos 4:29 diz: "Logo que o grão fica maduro, o homem lhe passa a foice, porque chegou a colheita". No começo a semente está no chão, e você não pode nem mesmo vê-la, mas eventualmente a colheita virá, e você colherá os benefícios dela. Da mesma forma, o crescimento espiritual é inicialmente oculto, mas eventualmente se tornará publicamente observável. O reino de Deus é tal que o que uma pessoa faz em secreto será no tempo feita evidente a todos. Deus recompensará publicamente aqueles que são fiéis a ele em privado.

Paulo diz em 1 Timóteo 4:15: "Seja diligente nessas coisas; dedique-se inteiramente a elas, para que todos vejam o seu progresso". E ele escreve em 1 Timóteo 5:24-25: "Os pecados de alguns são evidentes, mesmo antes de serem submetidos a julgamento, ao passo que os pecados de outros se manifestam posteriormente. Da mesma forma, as boas obras são evidentes, e as que não o são não podem permanecer ocultas". As boas obras e as más que estão agora ocultas serão eventualmente manifestas.

3. SOBRE ORAÇÃO

A primeira parábola sobre oração que examinaremos se encontra em Lucas 11:5-10, onde Jesus começa dizendo: “Então lhes disse: “Suponham que um de vocês tenha um amigo e que recorra a ele à meia-noite e diga: ‘Amigo, empreste-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem, e não tenho nada para lhe oferecer’” (v. 5-6). Naqueles dias era um grande embaraço e desonra falhar em ter as coisas certas para oferecer aos seus visitantes. Até mesmo o pobre tentaria tratar os seus visitantes tão bem quanto possível.

O homem nesta parábola enfrenta um embaraço potencial, pois ele não tem os itens necessários para tratar propriamente os seus visitantes. Assim, ele vai até a casa de um amigo e diz: “Amigo, empreste-me três pães, porque um amigo meu chegou de viagem, e não tenho nada para lhe oferecer”. Mas o seu amigo, de dentro da casa, responde, dizendo: “Não me incomode. A porta já está fechada, e eu e meus filhos já estamos deitados. Não posso me levantar e lhe dar o que me pede” (v. 7).

Naquele tempo, as pessoas comuns viviam em casas com um único quarto. A família inteira dormia no mesmo quarto, e o assoalho era feito de barro. Os habitantes pisariam no barro tantas vezes que ele se tornaria um barro duro. Se esse homem se levantasse e andasse na casa para encontrar pão para o seu amigo, ele sujaria o seu pé e poderia até mesmo acordar o restante da sua família.

Em adição, a porta tinha sido fechada. Durante o dia, a porta geralmente permanecia aberta. Quando a porta era fechada, isso indicava que a família desejava privacidade, ou que a família tinha ido para cama. Esse é o caso na parábola: “Não me incomode. A porta já está fechada, e eu e meus filhos já estamos deitados. Não posso me levantar e lhe dar o que me pede”. Em outras palavras, essa pessoa está pedindo para o seu amigo fazer algo que seria uma grande inconveniência.

Jesus conclui a parábola dizendo: “Eu lhes digo: Embora ele não se levante para dar-lhe o pão por ser seu amigo, por causa da importunação se levantará e lhe dará tudo o que precisar” (v. 8). Então, ele aplica a parábola à nossa vida de oração, dizendo: “Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta” (v. 9-10).

Nossa próxima parábola é sobre uma viúva e um juiz injusto:

> Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar. Ele disse: “Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem se importava com os homens. E havia naquela cidade uma viúva que se dirigia continuamente a ele, suplicando-lhe: ‘Faze-me justiça contra o meu adversário’. “Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha mais me importunar’ ”. E o Senhor continuou: “Ouçam o que diz o juiz injusto. Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele

> dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: Ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?" (Lucas 18:1-8)

Algumas parábolas fazem comparações, outras contrastes. Nessas duas parábolas, Deus não é dito ser similar ao amigo relutante ou ao juiz injusto, mas ele é descrito como alguém que está muito mais disposto e que é muito mais generoso do que eles (Lucas 11:9-13, 18:6-8).

O ponto é que se o amigo relutante concederia o pedido do amigo persistente mesmo quando isso fosse inconveniente, e, se o juiz injusto concederia a petição da viúva mesmo quando isso fosse contrário às suas próprias disposições e interesses, quanto mais um Deus amoroso e generoso concederá os pedidos persistentes daqueles a quem ele escolheu para salvação?

Lucas 11:9-13 diz:

> Por isso lhes digo: Peçam, e lhes será dado; busquem, e encontrarão; batam, e a porta lhes será aberta. Pois todo o que pede, recebe; o que busca, encontra; e àquele que bate, a porta será aberta. Qual pai, entre vocês, se o filho lhe pedir ume peixe, em lugar disso lhe dará uma cobra? Ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião? Se vocês, apesar de serem maus, sabem dar boas coisas aos seus filhos, quanto mais o Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir!

Essa passagem se encontra imediatamente após a nossa primeira parábola. Assim, Jesus não diz que Deus é como o amigo relutante, de forma que se você o incomodar o bastante, e se você sem nenhuma vergonha atrapalhar a sua vida no meio da noite, então, mesmo que ele não responda sua oração sobre a base de ser o seu Pai celestial, ele, todavia, concederá o seu pedido sobre a base de sua persistência. Antes, Jesus está dizendo que se um amigo relutante concederia o pedido de uma pessoa por causa de sua persistência, quanto mais um Deus amoroso e generoso concederá seu pedido, se você orar com persistência?

Jesus também comenta sobre a segunda parábola. Ele diz: "Ouçam o que diz o juiz injusto. Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: Ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?" (Lucas 18:6-8). Deus verá que seus escolhidos recebem justiça depressa. [6] Deus não é como o juiz injusto em seu tratamento para conosco.

Sobre a base da explicação acima, podemos sumarizar vários pontos sobre a oração que essas parábolas nos ensinam.

Jesus diz em Lucas 11:8: "Eu lhes digo: Embora ele não se levante para dar-lhe o pão por ser seu amigo, por causa da importunação se levantará e lhe dará tudo o que precisar". A palavra traduzida como "importunação" (NASB: "persistência") nesse versículo significa sem vergonha. O homem não está embaraçado por atrapalhar a vida do homem e lhe pedir o que necessita. Ele recusa que os costumes daqueles dias lhe impeçam de pedir o que necessita. Jesus explica que o amigo relutante concederia seu pedido não porque ele é seu amigo, mas por causa de sua persistente importunação e

[6] Dentro do contexto histórico da passagem, essa parábola pode estar se referindo à destruição de Jerusalém em 70 d.C. Aqui estamos fazendo um uso mais geral da parábola para tratar da oração em si.

falta de vergonha. Se até mesmo uma pessoa relutante eventualmente se rende, quanto mais Deus responderá nossas orações, visto que ele não está relutante, mas antes ansioso para cumprir o que ele deseja em nossas vidas? Assim, Hebreus 4:16 nos encoraja a nos aproximarmos de Deus com nossas orações: “Aproximemo-nos do trono da graça com toda a confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça que nos ajude no momento da necessidade”.

Deus não tem limitações humanas, como o amigo relutante na primeira parábola. Ele não dirá: “Não me incomode. Eu não posso me levantar pois a porta já está fechada”, ou “meus filhos já estão deitados, por favor, volte amanhã”. Antes, a Escritura diz:

> Ele não permitirá que você tropece; o seu protetor se manterá alerta, sim, o protetor de Israel não dormirá; ele está sempre alerta! O Senhor é o seu protetor; como sombra que o protege, ele está à sua direita. De dia o sol não o ferirá, nem a lua, de noite. O Senhor o protegerá de todo o mal, protegerá a sua vida. O Senhor protegerá a sua saída e a sua chegada, desde agora e para sempre. (Salmo 121:3-8)

Em adição, Deus não tem disposições más, como o juiz injusto na segunda parábola. Ele não reterá a justiça ou se privará de te responder devido a qualquer malícia ou injustiça. Como Jesus diz: “Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino” (Lucas 12:32), e com respeito àqueles escolhidos por Deus, ele diz: “Acaso Deus não fará justiça aos seus escolhidos, que clamam a ele dia e noite? Continuará fazendo-os esperar? Eu lhes digo: Ele lhes fará justiça, e depressa. Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (Lucas 18:7-8).

Jesus nos ensina a sermos persistentes na oração. Na parábola do juiz injusto, ele diz: “Por algum tempo ele se recusou. Mas finalmente disse a si mesmo: ‘Embora eu não tema a Deus e nem me importe com os homens, esta viúva está me aborrecendo; vou fazer-lhe justiça para que ela não venha mais me importunar!’” (Lucas 18:4-5). A viúva na parábola não se dissuadiu, embora ela enfrentasse um juiz injusto.

A corrupção naquele tempo era desenfreada no processo legal. Suborno era quase uma necessidade se uma pessoa quisesse que seu caso fosse até o fim, e o juiz decidisse em seu favor. Uma pessoa tal como a viúva não tinha dinheiro para apresentar um suborno significante ao juiz. Todavia, sua persistência compeliu até mesmo esse juiz a lhe conceder justiça. Isso é para ilustrar o versículo 1, que declara o contexto e o intento da parábola: “Então Jesus contou aos seus discípulos uma parábola, para mostrar-lhes que eles deviam orar sempre e nunca desanimar” (Lucas 18:1). Devemos persistir em oração a despeito dos pensamentos duvidosos, das críticas de parentes e das circunstâncias negativas. Jesus nos assegura que Deus responderá aos clamores dos seus eleitos. Deus não é como o amigo relutante na primeira parábola, nem como o juiz injusto na segunda parábola. Antes, ele é generoso para conosco e pronto para nos fazer justiça. “Contudo, quando o Filho do homem vier, encontrará fé na terra?” (Lucas 18:8).

4. SOBRE PERDÃO

Começaremos esse capítulo com uma parábola familiar – a parábola do Filho Pródigo. Ela está registrada em Lucas 15:11-32 da seguinte forma:

> Um homem tinha dois filhos. O mais novo disse ao seu pai: 'Pai, quero a minha parte da herança'. Assim, ele repartiu sua propriedade entre eles.
>
> Não muito tempo depois, o filho mais novo reuniu tudo o que tinha, e foi para uma região distante; e lá desperdiçou os seus bens vivendo irresponsavelmente. Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade. Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada.
>
> Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome! Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados'. A seguir, levantou-se e foi para seu pai.
>
> Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou.
>
> O filho lhe disse: 'Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho'.
>
> Mas o pai disse aos seus servos: 'Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés. Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado'. E começaram a festejar o seu regresso.
>
> Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: 'Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo'.
>
> O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: 'Olha!

> todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!'
>
> Disse o pai: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado'.

O pecado aliena a pessoa de Deus, e leva a mesma a viver de uma tal forma que não é agradável a Deus. Alguém que está vivendo um estilo de vida pecaminoso frequentemente gastará menos tempo orando, indo à igreja, lendo a Bíblia e livros cristãos proveitosos, ministrando aos outros, e buscando a Deus em geral (v. 13-16). Assim, um estilo de vida pecaminoso leva uma pessoa à pobreza espiritual: "Depois de ter gasto tudo, houve uma grande fome em toda aquela região, e ele começou a passar necessidade" (v. 14). O filho mais novo tomou parte dos bens de seu pai, e a desperdiçou. Então veio uma fome, e ele começou a passar necessidade. Contudo, seu pai não estava empobrecido, e aqueles que permaneceram na casa do pai não foram afetados. Da mesma forma, embora Deus tenha todas as riquezas, aqueles entre os seus eleitos que ainda precisam se arrepender sofrem pobreza espiritual como se eles não fizessem parte da casa do pai.

O pecado corrompe e corrói o coração de uma pessoa, e seus pensamentos e ações evidenciam sinais de decadência e corrupção espiritual: "Por isso foi empregar-se com um dos cidadãos daquela região, que o mandou para o seu campo a fim de cuidar de porcos. Ele desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada" (v. 15-16). Os judeus consideravam alimentar porcos como a ocupação mais baixa que alguém poderia ter, mas vemos no versículo 16 que esse filho mais novo "desejava encher o estômago com as vagens de alfarrobeira que os porcos comiam, mas ninguém lhe dava nada" . Além de ter que realizar o tipo mais baixo de trabalho que a mente de um judeu poderia imaginar, ele tinha caído numa posição tão baixa que invejava os porcos. Os animais estavam aparentemente desfrutando de um alimento melhor que o dele.

Começamos a ver uma reviravolta na vida desse filho mais novo no versículo 17: "Caindo em si, ele disse: 'Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome!". Observe as palavras: "Caindo em si". Paulo diz que aqueles que pecam devem despertar do seu sono:

> Chegou a hora de vocês despertarem do sono, porque agora a nossa salvação está mais próxima do que quando cremos. A noite está quase acabando; o dia logo vem. Portanto, deixemos de lado as obras das trevas e revistamo-nos da armadura da luz. Comportemo-nos com decência, como quem age à luz do dia, não em orgias e bebedeiras, não em imoralidade sexual e depravação, não em desavença e inveja. Ao contrário, revistam-se do Senhor Jesus Cristo, e não fiquem premeditando como satisfazer os desejos da carne (Romanos 13:11-14).

> Não se deixem enganar: “As más companhias corrompem os bons costumes”. Como justos, recuperem o bom senso e parem de pecar; pois alguns há que não têm conhecimento de Deus; digo isso para vergonha de vocês (1 Coríntios 15:33-34).
>
> Porque aquilo que eles fazem em oculto, até mencionar é vergonhoso. Mas, tudo o que é exposto pela luz torna-se visível, pois a luz torna visíveis todas as coisas. Por isso é que foi dito:“Desperta, ó tu que dormes,levanta-te dentre os mortos e Cristo resplandecerá sobre ti”. Tenham cuidado com a maneira como vocês vivem; que não seja como insensatos, mas como sábios, aproveitando ao máximo cada oportunidade, porque os dias são maus (Efésios 5:12-16).

A primeira indicação de arrependimento é que a pessoa começa a ver sua própria condição miserável. O impenitente é dito estar com um espírito de atordoamento, e a pregação do evangelho deve despertar o eleito. É Deus quem faz eles permanecerem nesse estado de atordoamento enquanto ele desejar, e os não-eleitos nunca serão despertados. Como Paulo escreve: “Deus lhes deu um espírito de atordoamento, olhos para não ver e ouvidos para não ouvir, até o dia de hoje” (Romanos 11:8). As pessoas se arrependem não porque elas despertaram para a justiça por seu próprio poder, visto que elas não têm tal poder, mas elas despertam porque Deus as desperta por seu poder soberano e por meio do evangelho. Portanto, o próprio arrependimento é um dom – é algo que Deus pode ou não conceder a alguém de acordo com sua vontade (2 Timóteo 2:25).

O filho mais novo disse para si mesmo: “Quantos empregados de meu pai têm comida de sobra, e eu aqui, morrendo de fome”. Até mesmo o menor entre os fiéis na igreja está numa melhor condição do que aqueles que não estão em Cristo. Mas nem todo mundo pensa assim. No começo da parábola, o filho pensa que é melhor pegar os bens do seu pai, deixar a família, e fazer tudo o que ele deseja. Da mesma forma, os israelitas a quem Moisés tinha tirado do Egito, se queixaram: “Estávamos melhor no Egito!” (Numbers 11:18). Mas certamente eles não estavam numa condição melhor no Egito.

Muitos cristãos professos também são assim, reivindicando que eles estavam melhor antes de se tornarem cristãos. Se isso parece ser verdadeiro, é frequentemente por duas razões. Primeiro, eles nunca amadureceram espiritualmente através do estudo, oração e ministério. Eles são derrotados e miseráveis porque não estão fazendo nada espiritualmente significativo. Segundo, algumas pessoas pensam que suas vidas eram melhores antes de se tornarem cristãs simplesmente porque esqueceram quão ruins suas vidas eram.

Os israelistas se queixaram contra Deus e Moisés, dizendo: “Quem dera a mão do SENHOR nos tivesse matado no Egito! Lá nos sentávamos ao redor das panelas de carne e comíamos pão à vontade, mas vocês nos trouxeram a este deserto para fazer morrer de fome toda esta multidão!” (Êxodo 16:3). Eles tinham esquecido que eram escravos! Os egípcios colocavam “sobre eles chefes de trabalhos forçados, para os oprimir com tarefas pesadas” (Êxodo 1:11), e isso certamente não era tão bom quanto estar livre no deserto, com a presença e provisões de Deus. Suas mentes estavam

obscurecidas pela incredulidade, e eles fizeram uma avaliação incorreta da situação deles.

Salmo 103:2 diz: "Bendiga o Senhor a minha alma! Não esqueça nenhuma de suas bênçãos!", mas muitos cristãos professos esquecem quão ruins suas vidas eram antes de serem salvos pela graça soberana de Deus. Eles desfrutavam de todos os "prazeres do pecado" (Hebreus 11:25) que os mantinham nas ciladas de Satanás antes de Deus "[os] resgatar do domínio das trevas e [os] transportar para o Reino do seu Filho amado" (Colossenses 1:13).

Visto que o arrependimento é uma mudança decisiva de mente, do pecado para Deus, o primeiro sinal de arrependimento genuíno é a capacidade de ver a sua verdadeira condição, da mesma forma como o filho mais novo "caiu em si" no versículo 17. Então, ele diz no versículo 18: "Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai". Uma pessoa que começa a se despertar do seu espírito de atordoamento vê que é melhor ser um cristão fiel do que se enlamear no pecado, e que é muito melhor ser um crente do que um incrédulo.

Essa pessoa pode dizer para si mesma: "Eu tenho sido um tolo, como todos os não-cristãos são tolos. O ateísmo é irracional, o Islamismo é falso, o Mormonismo é herético, o Budismo é estúpido e o agnosticismo é a escusa vazia de um idiota. Eu posso ver agora que minha salvação vem somente da Escritura cristã que revela o único e verdadeiro Deus, e começarei a buscá-lo pelos meios que ele providenciou. Assim, eu me arrependerei dos meus pecados e buscarei seu perdão. Eu me imergirei em estudos teológicos e em oração fervorosa. Eu irei até a igreja e ouvirei pregações bíblicas. Eu buscarei a Deus de todo o meu coração".

A parábola continua: "Voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados" (v. 18-19). Uma pessoa verdadeiramente convertida nunca é orgulhosa ou exigente, pois ela vê e entende a verdade. Ela percebe que não está em nenhuma posição de demandar algo daquele de quem ela busca misericórdia: "Graça esperada ou demandada é uma contradição de termos". [7]

Uma pessoa que está vindo a Deus com verdadeiro arrependimento descansa na misericórdia de Deus somente. Assim como alguém que é culpado de um crime e que não tem nenhuma defesa contra a acusação pode se lançar à mercê da corte, alguém que está verdadeiramente arrependido diz: "Eu não posso fazer nada. Eu não posso desfazer o que tenho feito. Eu não posso pagar a dívida na qual incorri. Tudo que posso é colocar minha vida nas mãos de Deus, e estar à sua mercê, e deixar que ele faça tudo o que quiser comigo". Mas até mesmo se colocar nas mãos de Deus vem pelo ato soberano de Deus, no qual ele muda a vontade do pecador e lhe concede o dom do arrependimento.

Isso é o que o filho mais novo faz na parábola. Ele diz: "Eu me porei a caminho e voltarei para meu pai, e lhe direi: Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus empregados". Ele percebe que ele não está numa posição de exigir algo do seu pai. Ele espera que seu pai seja

[7] Michael Horton, *Putting Amazing Back into Grace*; Grand Rapids, Michigan: Baker Books, 1994; p. 92.

misericordioso, e o trate como um dos seus empregados. Ele não ousa esperar mais do que isso.

Então, aprendemos sobre a natureza e extensão do perdão de Deus nos versículos 20-24. O versículo 20 diz: “A seguir, levantou-se e foi para seu pai. Estando ainda longe, seu pai o viu e, cheio de compaixão, correu para seu filho, e o abraçou e beijou”. O perdão de Deus é ativo. Assim como ele já escolheu aqueles a quem ele salvaria, no tempo que ele escolheu, ele também ativamente alcança o pecador e faz com que ele se arrependa. Deus não espera passivamente você se arrepender; se ele o fizesse, você nunca se arrependeria precisamente porque você é um pecador, e sua vontade está fixada contra ele. Mas Deus, por seu poder irresistível, muda a vontade daqueles a quem ele escolheu para receber a salvação, fazendo-lhes assim se arrepender.

O apóstolo Paulo observa que: “Não há nenhum justo, nem um sequer; não há ninguém que entenda, ninguém que busque a Deus. Todos se desviaram,tornaram-se juntamente inúteis; não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer” (Romanos 3:10-12). E Jesus diz em João 6:44: “Ninguém pode vir a mim, se o Pai, que me enviou, não o atrair; e eu o ressuscitarei no último dia”. Se Deus fosse esperar até que nos arrependêssemos por nossa própria vontade e poder, ninguém seria salvo.

Não somente Deus está ativamente alcançando aqueles que ele escolheu salvar, perdoando os seus pecados, mas também instantaneamente concedendo-lhes a filiação em Cristo: “O filho lhe disse: ‘Pai, pequei contra o céu e contra ti. Não sou mais digno de ser chamado teu filho’. Mas o pai disse aos seus servos: ‘Depressa! Tragam a melhor roupa e vistam nele. Coloquem um anel em seu dedo e calçados em seus pés” (v. 21-22). Aqueles a quem Deus faz se arrepender e crer em Cristo não se tornam escravos no reino de Deus, mas são como filhos em sua casa. Em adição, o perdão de Deus é completo: “Tragam o novilho gordo e matem-no. Vamos fazer uma festa e alegrar-nos. Pois este meu filho estava morto e voltou à vida; estava perdido e foi achado’. E começaram a festejar o seu regresso” (v. 23-24). Uma pessoa que vive em pecado é como alguém morto, mas quando se volta para Deus, ela volta à vida.

Então, Lucas 15:25-30 muda a atenção para o filho mais velho:

> Enquanto isso, o filho mais velho estava no campo. Quando se aproximou da casa, ouviu a música e a dança. Então chamou um dos servos e perguntou-lhe o que estava acontecendo. Este lhe respondeu: ‘Seu irmão voltou, e seu pai matou o novilho gordo, porque o recebeu de volta são e salvo’. “O filho mais velho encheu-se de ira, e não quis entrar. Então seu pai saiu e insistiu com ele. Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’

Lucas 15 começa com as palavras: “Todos os publicanos e ‘pecadores’ estavam se reunindo para ouvi-lo. Mas os fariseus e os mestres da lei o criticavam: ‘Este homem recebe pecadores e come com eles’” (v. 1-2). Como os fariseus, o filho mais velho se

irou sobre como o filho arrependido estava sendo tratado. Certamente, muitos daqueles a quem os fariseus consideravam pecadores eram de fato pecadores. E as acusações do filho mais velho contra o filho mais novo estavam de fato corretas.

O problema era que os fariseus se consideravam espiritualmente superiores por causa do comportamento externo deles. Mas Jesus diz: “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície” (Mateus 23:27). Muitos indivíduos falsamente religiosos colocam grande ênfase e orgulho em suas próprias obras, mas as palavras de Jesus aplicam-se a eles tanto quanto a qualquer outra pessoa: “Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão”. Algumas pessoas tendem a pensar que enquanto elas não pertencerem ao que elas percebem ser o pior grupo de pecadores, elas estarão bem. Contudo, a Bíblia diz que a menos que se arrependam, elas pereceram assim como o pior dos pecadores. Somente através do arrependimento e da fé soberanamente concedidos por Deus uma pessoa pode ser salva e aceita por Deus.

Uma pessoa auto-justificada é alguém que está indignada contra a graça de Deus, pois ela depende de suas próprias obras para buscar a aprovação de Deus: “Mas ele respondeu ao seu pai: ‘Olha! todos esses anos tenho trabalhado como um escravo ao teu serviço e nunca desobedeci às tuas ordens. Mas tu nunca me deste nem um cabrito para eu festejar com os meus amigos. Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!’” (v. 29-30).

Pessoas auto-justificadas pensam frequentemente que elas têm feito muitas obras boas, e que nunca cometeram nenhum pecado grave. Portanto, elas se tornam indignadas quando alguém que cometeu grandes pecados recebe perdão e restauração de Deus. Uma pessoa auto-justificada pensa que o que ela percebe ser suas boas obras deve obter a aprovação de Deus. Contudo, a Bíblia declara que “todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo” (Isaías 64:6), e que “todos pecaram e estão destituídos da glória de Deus” (Romanos 3:23).

O filho mais velho diz ao pai: “Mas quando volta para casa esse teu filho, que esbanjou os teus bens com as prostitutas, matas o novilho gordo para ele!” (v. 30). Um pecador arrependido começa a perceber a verdade com respeito a Deus, o pecado e si mesmo. Em contraste, uma pessoa auto-justificada é uma que falha em compreender a verdadeira natureza do pecado e da graça. Uma pessoa que depende de suas próprias obras despreza o perdão de Deus como algo que retira o pecado, ao invés de reconhecê-lo como uma demonstração de sua soberana bondade e misericórdia.

Assim, o filho mais velho, em efeito, diz ao seu pai: “Você está recompensando meu irmão por seu pecado. Ele tomou seus bens e os desperdiçou – ele não fez nenhum bem com eles, mas os gastou totalmente para os seus próprios desejos. Após ficar sem nada, ele volta rastejando diante de você, e agora ao invés de puni-lo, você o está recompensando com essa celebração! Você está errado. O retorno do meu irmão não merece perdão e celebração, mas isto é o que você está lhe dando. Eu tenho estado em tua casa, e nunca te desobedeci, mas você nunca me deste nem mesmo um cabrito”.

Pessoas auto-justificadas denunciam o seu mal-entendimento de que o perdão de Deus é uma recompensa pelo pecado. Mas a Bíblia diz: “Que diremos então? Continuaremos pecando para que a graça aumente? De maneira nenhuma! Nós, os que morremos para o

pecado, como podemos continuar vivendo nele?" (Romanos 6:1-2). A graça soberana de Deus opera para perdoar, restaurar e santificar, não para dar licença para pecar.

Os versículos 31-32 contêm a resposta do pai ao filho mais velho: "Disse o pai: 'Meu filho, você está sempre comigo, e tudo o que tenho é seu. Mas nós tínhamos que celebrar a volta deste seu irmão e alegrar-nos, porque ele estava morto e voltou à vida, estava perdido e foi achado'". O filho mais velho falhou em entender que não é o pecado que celebramos, mas o arrependimento. O pai celebra não porque seu filho estava perdido, e estava como um morto, mas está se regozijando porque algo mudou em seu filho, e isso o fez retornar e se arrepender de seu modo de vida passado. Da mesma forma, o perdão de Deus não implica que ele tolere o pecado; antes, ele se regozija no arrependimento de uma pessoa, que a pessoa caia em si, e que venha se colocar à mercê de Deus, sabendo que não tem nenhum mérito próprio. Consequentemente, Jesus diz: "Há alegria na presença dos anjos de Deus por um pecador que se arrepende" (Lucas 15:10).

Para nossa segunda parábola sobre perdão, leremos a partir de Mateus 18:21-35, onde está registrada a parábola do servo incompassivo:

> Então Pedro aproximou-se de Jesus e perguntou: "Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes?"
>
> Jesus respondeu: "Eu lhe digo: Não até sete, mas até setenta vezes sete.
>
> "Por isso, o Reino dos céus é como um rei que desejava acertar contas com seus servos. Quando começou o acerto, foi trazido à sua presença um que lhe devia uma enorme quantidade de prata. Como não tinha condições de pagar, o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida.
>
> "O servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: 'Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo'. O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir.
>
> "Mas quando aquele servo saiu, encontrou um de seus conservos, que lhe devia cem denários. Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: 'Pague-me o que me deve!'
>
> "Então o seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe: 'Tenha paciência comigo, e eu lhe pagarei'.
>
> "Mas ele não quis. Antes, saiu e mandou lançá-lo na prisão, até que pagasse a dívida. Quando os outros servos, companheiros dele, viram o que havia acontecido, ficaram muito tristes e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido.

> "Então o senhor chamou o servo e disse: 'Servo mau, cancelei toda a sua dívida porque você me implorou. Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?' Irado, seu senhor entregou-o aos torturadores, até que pagasse tudo o que devia.
>
> "Assim também lhes fará meu Pai celestial, se cada um de vocês não perdoar de coração a seu irmão".

Enquanto a primeira parábola se foca na forma como Deus nos perdoa, essa parábola, embora nos dê discernimentos adicionais sobre a magnitude do perdão de Deus, se foca em como Deus quer que perdoemos os outros.

O versículo 24 diz: "E, começando a fazer contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos" (ARA). Os tradutores da NASB observam: "Um talento valia mais do que quinze anos de salário de um trabalhador". Assim, a *New Living Translation* traduz "dez mil talentos" como "milhões de dólares". D. A. Carson aponta que o débito pode ter sido ainda maior:

> Nós vislumbramos alguma idéia do tamanho da dívida quando recordamos que Davi doou três mil talentos de ouro e sete mil talentos de prata para a construção do tempo, e os príncipes forneceram cinco mil talentos de ouro e dez mil talentos de prata (1 Crônicas 29:4,7). Algumas estimativas recentes sugerem um valor em dólar de doze milhões; mas com a inflação e a oscilação do preço dos metais preciosos, isso poderia ficar na casa dos bilhões de dólares em moeda de hoje. [8]

Algumas fontes dizem que Jesus pode ter desejado falar talentos atenienses ou judeus, mas ambos equivaleriam a milhões de dólares em termos de hoje. Visto que o primeiro servo devia dez mil talentos, seu débito equivalia ao salário de mais de 150 mil anos de um trabalhador comum.

Algo como o que acontece nessa parábola pode ter acontecido naqueles dias. Contudo, a quantidade que um servo deveria ao seu senhor provavelmente não seria daquela grandeza. É improvável que um servo teria necessitado ou emprestado tanto dinheiro, e é improvável que alguém continuaria emprestando dinheiro a um servo até que ele devesse o salário de cem mil anos de trabalho.

Não cometa engano sobre isso – embora seja improvável uma pessoa ter devido essa quantia de dinheiro a outra pessoa, cada um de nós deve essa quantidade e muito mais a Deus. Portanto, embora isso possa parecer ser uma hipérbole quando comparada à vida natural das pessoas, visto que ela de fato está se referindo ao nosso relacionamento com Deus, ela é antes um eufemismo. Frequentemente falhamos em reconhecer a extensão da nossa pecaminosidade. Que muitos podem considerar alguém como Hitler como mau enquanto consideram a si mesmos como essencialmente bons denuncia como a humanidade tem sido cegada para a sua própria pecaminosidade.

---

[8] *Expositor's Bible Commentary*, Vol. 8; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1984; p. 406.

Contrário àqueles que pensam que eles são inocentes diante de Deus, nosso débito para com Deus não tem limites, e é um que não podemos pagar: “Se afirmarmos que estamos sem pecado, enganamos a nós mesmos, e a verdade não está em nós” (1 João 1:8). Quando falando às pessoas sobre a necessidade delas de salvação, alguém pode responder: “Eu não preciso de Jesus. Eu não sou realmente tão mau. Certo, eu tenho cometido enganos em minha vida, mas em geral, minhas boas obras sobrepujam minhas más. E eu posso sempre fazer mais boas obras para reparar minha dívida”. Mas a verdade é que nem mesmo 150 mil anos de boas obras reparará o que elas devem a Deus. De fato, o ensino bíblico indica que visto que os não-cristãos não podem realizar obras que sejam agradáveis a Deus, o que eles consideram ser boas obras são de fato obras pecaminosas. Os não-cristãos definitivamente não podem realizar nenhuma boa obra.

Então, “o servo prostrou-se diante dele e lhe implorou: ‘Tem paciência comigo, e eu te pagarei tudo’” (v. 26). O que a princípio parece ser uma declaração responsável é de fato uma declaração tola e irrealista. É impossível para esse servo reparar o salário de 150 mil anos de trabalho, mesmo que ele ganhe muito mais do que um trabalhador comum. Ele não pode reparar nem mesmo uma pequena porção da dívida.

Nossa dívida para com Deus é muito grande para repararmos. Portanto, é fútil se aproximar de Deus ostentando nossas capacidades e realizações passadas, ou prometendo obras boas e melhores. Antes, devemos fazer a nós mesmos completamente vulneráveis e colocar nossas vidas à sua mercê. Sua dívida para com Deus é muito grande, de forma que nem mesmo tente repará-la; antes, clame por misericórdia. Antes de você ser salvo, é como se você devesse a Deus uma dívida que não poderia pagar, nem mesmo em milhares de vidas. Assim, ninguém pode ser justificado ou feito justo diante de Deus por suas boas obras.

Podemos considerar alguns indivíduos pecadores piores do que outros, e certamente consideramos muitas pessoas pecadores piores do que nós mesmos. Há muitos criminosos vis e violentos em nossos dias – há molestadores de crianças, assassinos, ladrões, aqueles que juram falsamente, adúlteros, fornicadores e homossexuais. Há também muitos que afirmam religiões falsas e más – muçulmanos, mórmons, budistas e católicos. Contudo, Jesus declara que as obras e crenças más dos outros não te absolve da sua própria pecaminosidade:

> Naquela ocasião, alguns dos que estavam presentes contaram a Jesus que Pilatos misturara o sangue de alguns galileus com os sacrifícios deles. Jesus respondeu: “Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão. Ou vocês pensam que aqueles dezoito que morreram, quando caiu sobre eles a torre de Siloé, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão” (Lucas 13:1-5).

A menos que você se arrependa e se torne um verdadeiro cristão, você terá o mesmo destino que os homossexuais e budistas – tormento consciente extremo no inferno. “Terrível coisa é cair nas mãos do Deus vivo!” (Hebreus 10:31).

Arrependimento refere-se à uma mudança decisiva de mente, do pecado para Deus. É uma renúncia do seu modo anterior de pensamento e comportamento, e que você deve confiar em Cristo para te salvar do seu pecado e de suas conseqüências. Você deve dizer a Deus: “Minha dívida incorrida pelo pecado é muito grande, e eu não posso repará-la. Eu preciso de outra pessoa para me ajudar, alguém que pague o preço por mim. Agora eu clamo para que Jesus Cristo me salve, confessando que ele morreu pelos seus eleitos, e que ele ressuscitou dentre os mortos para a justificação dos eleitos, e para ser o mediador entre Deus e os seus escolhidos”. Se o seu arrependimento é verdadeiro e sincero, então isso significa que Deus te escolheu para salvação (2 Tessalonicenses 2:13), e que ele já começou sua obra em você.

O servo tinha incorrido numa dívida que ele não podia pagar, e assim “o senhor ordenou que ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que ele possuía fossem vendidos para pagar a dívida” (Mateus 18:25). O servo implorou por misericórdia ao seu senhor, e prometeu reparar todo o débito, o que, como vimos, é uma declaração mentirosa e irrealista. Até esse ponto, a situação parece impossível. Mas lemos no versículo 27: “O senhor daquele servo teve compaixão dele, cancelou a dívida e o deixou ir”. A solução não veio do próprio servo, mas do senhor, que perdoou a dívida por compaixão.

O senhor cancelou a dívida não porque ele tinha que fazê-lo, ou porque o servo de alguma forma tinha direito à sua compaixão. Antes, o senhor tinha o direito de puni-lo, e o servo não tinha nenhum direito, de forma alguma. Da mesma forma, o perdão de Deus para conosco é baseado na sua misericórdia e compaixão, ao invés de obrigação. Deus nunca foi obrigado a enviar Jesus Cristo para morrer pelos eleitos; ele nunca foi obrigado a nos perdoar dos nossos pecados. Deus não nos deve perdão ou qualquer um dos dons que ele nos dá. Ninguém tem o direito em si mesmo de ir para o céu ou fazer qualquer demanda a Deus.

Muitas pessoas falam sobre Deus como se ele nos devesse tudo que desejamos ou demandamos, e assim, ouvimos perguntas como essa: “Se existe um Deus, por que há tantas pessoas passando por pobreza, fome, doença e outras coisas semelhantes?”. Se entendemos verdadeiramente a severidade do pecado, e que somos nós quem devemos a Deus, então a pergunta deveria ser: “Como pode haver *tão pouco* sofrimento neste mundo quando devemos tanto a Deus? Como pode haver tanto perdão quando há tanto pecado?”. Deus não lhe deve quaisquer dons ou bênçãos – mas até mesmo o ar que você está respirando é dom dele.

Por que há tanto perdão onde há tanto pecado? A Bíblia explica: “Mas onde aumentou o pecado, transbordou a graça” (Romanos 5:20). Tal é a magnitude do perdão e compaixão de Deus. Tal é a perfeição de sua misericórdia para com aqueles que ele escolheu para serem dele.

Agora, os pecados de outras pessoas contra nós sempre são melhores e insignificantes quando comparados aos pecados dos quais Deus nos perdoou. O versículo 28 diz: “Mas quando aquele servo saiu, encontrou um de seus conservos, que lhe devia cem denários. Agarrou-o e começou a sufocá-lo, dizendo: ‘Pague-me o que me deve!’. Um “denário”

era apenas o salário de um dia. Esse servo devia ao outro cem denários, e assim, cem dias de salário. Embora fosse provavelmente uma quantia significante de dinheiro da perspectiva do servo, ela era pelo menos possível de ser paga.

Assim, o segundo servo implorou ao primeiro: "Então o seu conservo caiu de joelhos e implorou-lhe: 'Tenha paciência comigo, e eu lhe pagarei'" (v. 29). O segundo servo que devia o dinheiro disse exatamente a mesma coisa que o primeiro servo disse ao senhor, mas dessa vez a promessa de pagamento era realista. Mas o primeiro servo não teve compaixão do seu conservo: "Mas ele não quis. Antes, saiu e mandou lançá-lo na prisão, até que pagasse a dívida" (v. 30). Aqui não é dito que o primeiro servo era incapaz de perdoar o segundo, mas que ele recusou perdoar a dívida.

A parábola continua: "Quando os outros servos, companheiros dele, viram o que havia acontecido, ficaram muito tristes e foram contar ao seu senhor tudo o que havia acontecido. Então o senhor chamou o servo e disse: 'Servo mau, cancelei toda a sua dívida porque você me implorou. Você não devia ter tido misericórdia do seu conservo como eu tive de você?'" (v. 31-33). Agora, Efésios 4:32 diz: "Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo". Assim, Deus nos ordena perdoar os outros da mesma forma como ele tem nos perdoado. Embora Deus nunca tenha sido obrigado a nos perdoar, ele impôs a obrigação sobre nós de perdoar os outros.

Uma escusa que muitas pessoas usam quando rejeitando perdoar outra é dizer: "Eu tenho o direito de reter isso contra ele. Ele realmente cometeu uma injustiça contra mim". Embora a Bíblia não negue que os outros não cometam pecados contra nós, ela nega que tenhamos o direito de reter seus pecados contra eles quando eles se arrependem, e nos ordena ter disposição e compaixão para perdoar.

O senhor nesta parábola não questiona se o segundo servo deve dinheiro ao primeiro, mas ele condena o comportamento do primeiro servo, visto que aquele que tinha sido perdoado de uma dívida de dez mil talentos, recusou perdoar a dívida daquele que lhe devia somente cem denários. Da mesma forma, Deus requer que, no caso de arrependimento do ofensor, perdoemos-lhe de coração (v. 35).

Muitas pessoas enfatizam como perdoar os outros beneficia a si mesmas. Até mesmo cristãos professos ensinam o perdão desse ângulo. Por exemplo, eles ensinam que o ressentimento é prejudicial à saúde e condição espiritual da pessoa, de forma que você deve perdoar aqueles que te ofenderam se não por nenhuma outra razão, pelo fato de beneficiar a você mesmo, e que seu perdão provavelmente beneficiará mais a você do que aqueles que você perdoará.

Contudo, esse ensino e essa ênfase são anti-bíblicas. O perdão sempre custa algo àquele que perdoa. Ele custou ao senhor dez mil talentos para perdoar o primeiro servo na parábola. Deus também nos perdoa à sua própria custa – seu filho teve que morrer a morte de cruz para assegurar salvação para nós.

A Bíblia ensina que devemos perdoar aqueles que nos ofendem por causa da nossa obediência a Deus e por nossa compaixão por eles, de forma que perdoamos para a glória e Deus e para o bem do ofensor. Deveríamos perdoar porque estamos agradecidos pelo perdão de Deus para conosco, e não porque desejamos uma melhor saúde e paz de

mente. Não deveria ser difícil ter compaixão daqueles que se arrependem, visto que "Deus derramou seu amor em nossos corações, por meio do Espírito Santo que ele nos concedeu" (Romanos 5:5).

Deveríamos perdoar os outros porque não somos de nós mesmos. Porque Deus nos ordena perdoar aqueles que têm nos ofendido quando eles se arrependem, não temos nenhum direito de reter o perdão quando eles se arrependem: "Tomem cuidado.'Se o seu irmão pecar, repreenda-o e, se ele se arrepender, perdoe-lhe'" (Lucas 17:3). Em adição, devemos repetidamente perdoar a mesma pessoa se ela se arrepender: "Se pecar contra você sete vezes no dia, e sete vezes voltar a você e disser: 'Estou arrependido', perdoe-lhe" (v. 4).

5. SOBRE RIQUEZA

Jesus diz: “Cuidado! Fiquem de sobreaviso contra todo tipo de ganância; a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens” (Lucas 12:15). Desde o início, sabemos que uma pessoa nunca deve ser obcecada por dinheiro. Contudo, dinheiro é o assunto sobre o qual muitas pessoas pensam constantemente, e elas avaliam a si mesmas e aos outros com base em suas riquezas.

Certamente, as pessoas se preocupam com todos os tipos de coisas, tais como seus relacionamentos, seus filhos e sua saúde. Todavia, é verdade que muitas delas gastam muito ou até mesmo a maioria do seu tempo se preocupando com questões financeiras. Por outro lado, Jesus diz que “a vida de um homem não consiste na quantidade dos seus bens”, e pensar e se comportar de uma forma que seja contrário a isso pode ser uma indicação de ganância. Ele tinha muito mais o que dizer sobre o assunto do que isso, como o seguinte estudo de duas parábolas sobre riquezas mostrará.

Nossa primeira parábola é tomada de Lucas 12:16-21:

> A terra de certo homem rico produziu muito. Ele pensou consigo mesmo: ‘O que vou fazer? Não tenho onde armazenar minha colheita’. Então disse: ‘Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens. E direi a mim mesmo: Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos. Descanse, coma, beba e alegre-se’. Contudo, Deus lhe disse: “Insensato! Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?” Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus.

Nas parábolas de Jesus, uma figura de autoridade é algumas vezes usada para representar a Deus (similar ao caráter de Deus) ou para ser um contraste a Deus (diferente do caráter de Deus). Por exemplo, o juiz injusto em Lucas 18 é um contraste a Deus, e nessa passagem Jesus mostra que Deus está ansioso para responder os choros dos seus eleitos, diferentemente do juiz injusto, que é relutante para dispensar justiça. Mas nessa passagem de Lucas 12, Deus parece falar de si mesmo.

Lucas arranja as palavras de Jesus de forma que o que se segue abaixo aparece logo após a nossa parábola, e deixa explícito que o pecado do homem rico consistia em pensar exclusivamente em criar e preservar a riqueza, tendo removido Deus de seus planos e ações:

> Dirigindo-se aos seus discípulos, Jesus acrescentou: “Portanto eu lhes digo: Não se preocupem com sua própria vida, quanto ao que comer; nem com seu próprio corpo, quanto ao que vestir. A vida é mais importante do que a comida, e o corpo, mais do que as roupas. Observem os corvos: não semeiam nem colhem, não têm armazéns nem celeiros; contudo, Deus os alimenta. E vocês têm muito mais valor do que as aves! Quem de vocês, por mais que se preocupe, pode acrescentar uma hora que seja à sua vida? Visto que vocês não podem sequer fazer uma coisa tão pequena, por que se preocupar com o restante? Observem

> como crescem os lírios. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais vestirá vocês, homens de pequena fé! Não busquem ansiosamente o que comer ou beber; não se preocupem com isso. Pois o mundo pagão é que corre atrás dessas coisas; mas o Pai sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, o Reino de Deus, e essas coisas lhes serão acrescentadas. Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino". (Lucas 12:22-32)

Agora, o homem rico diz: "Já sei o que vou fazer. Vou derrubar os meus celeiros e construir outros maiores, e ali guardarei toda a minha safra e todos os meus bens" (Lucas 12:18). O planejamento e a economia financeira apropriados nunca são proibidos na Escritura, mas antes encorajados (Provérbios 30:25). Mas esse homem rico vai além de simplesmente planejar e economizar; ele está ativamente acumulando sua riqueza com nenhum fim em vista e não coloca sua riqueza para o uso bom e abnegado. Esse homem planeja seu futuro, mas não planeja o suficiente, visto que ele planeja somente para essa vida. Ele diz para si mesmo: "Você tem grande quantidade de bens, armazenados para muitos anos". Ele fala em termos de dias e anos, mas falha em considerar a vida após a morte.

Deus responde: "Insensato! [9] Esta mesma noite a sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?" (v. 20). Não importa quão perspicaz uma pessoa pareça ser nos negócios mundanos, se seu pensamento é anti-escriturístico, ele sempre será um tolo aos olhos de Deus. A Escritura diz: "O temor do Senhor é o princípio da sabedoria" (Salmos 111:10), de forma que uma pessoa que não teme a Deus nem mesmo começou a ser sábia. Qualquer pessoa que teme a Deus é superior em sabedoria a alguém que não teme a Deus. Segue-se que todos cristãos são superiores em sabedoria a todos os não-cristãos.

Provérbios 3:6 diz: "Reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas". Ser rico em si não é um pecado, mas esse homem tinha deixado Deus fora de sua mente e planos. Contudo, você não pode "planejar" verdadeiramente deixar Deus fora de sua vida. Você o ignora para o seu próprio perigo. "Assim acontece com quem guarda para si riquezas, mas não é rico para com Deus" (Lucas 12:21).

Como John Purdy escreve: "Se sustentarmos que a verdadeira sabedoria é ser rico para com Deus, então o trabalho terá um lugar limitado em nossas vidas... Nós não faremos de nosso trabalho um meio de assegurar nossas vidas contra todas as calamidades possíveis".[10] Ele não está dizendo para as pessoas desprezarem o trabalho ou para serem preguiçosas, mas que o trabalho "terá um lugar limitado em nossas vidas" — ele não deverá consumir todo o seu tempo e energia. Você não deverá trabalhar buscando riquezas ao ponto de estragar seus relacionamentos familiares e seu desenvolvimento espiritual. De acordo com Cristo, agir de outra maneira seria ser considerado como tolo aos olhos de Deus.

[9] Nota do tradutor: "Tolo", em algumas versões, inclusive na do autor.
[10] John Purdy, *Parables at Work*.

Nossa próxima parábola sobre riqueza é encontrada em Lucas 16:1-13:

> Jesus disse aos seus discípulos: “O administrador de um homem rico foi acusado de estar desperdiçando os seus bens. Então ele o chamou e lhe perguntou: ‘Que é isso que estou ouvindo a seu respeito? Preste contas da sua administração, porque você não pode continuar sendo o administrador’. “O administrador disse a si mesmo: ‘Meu senhor está me despedindo. Que farei? Para cavar não tenho força, e tenho vergonha de mendigar...Já sei o que vou fazer para que, quando perder o meu emprego aqui, as pessoas me recebam em suas casas’. “Então chamou cada um dos devedores do seu senhor. Perguntou ao primeiro: ‘Quanto você deve ao meu senhor?’ ‘Cem potes de azeite’, respondeu ele.“O administrador lhe disse: ‘Tome a sua conta, sente-se depressa e escreva cinqüenta’. “A seguir ele perguntou ao segundo: ‘E você, quanto deve?’ ‘Cem tonéis de trigo’, respondeu ele.“Ele lhe disse: ‘Tome a sua conta e escreva oitenta’. (v. 1-7)

Um homem rico descobre que seu administrador estava “desperdiçando os seus bens” e decide demiti-lo. Mas antes de partir, esse administrador reúne todas as pessoas que deviam ao seu senhor, e reduz os débitos para obter o favor deles. Ele raciocina que porque ele fez isso, “quando perder o meu emprego aqui, as pessoas me receberão em suas casas”. Isto é, ele crê que essas pessoas o ajudarão em troca.

> O senhor elogiou o administrador desonesto, porque agiu astutamente. Pois os filhos deste mundo são mais astutos no trato entre si do que os filhos da luz. Por isso, eu lhes digo: Usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos, de forma que, quando ela acabar, estes os recebam nas moradas eternas. “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito. Assim, se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas? E se vocês não forem dignos de confiança em relação ao que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês? “Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará outro, ou se dedicará a um e desprezará outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”. (v. 8-13)

O versículo 8 diz: “Pois os filhos deste mundo são mais astutos *no trato entre si* do que os filhos da luz”. Jesus está dizendo que os incrédulos são frequentemente mais sábios do que os crentes com o seu dinheiro, com relação ao seu modo de viver. Ele não está dizendo para os cristãos imitarem a desonestidade do administrador, mas ele está estabelecendo o ponto que os incrédulos são frequentemente mais sábios em seu uso da riqueza porque as suas prioridades são mundanas, mas que os cristãos são frequentemente tolos em seu uso da riqueza pois suas prioridades são espirituais. Para colocar de outra forma, os incrédulos são frequentemente melhores em serem incrédulos do que os cristãos em serem cristãos.

Dadas nossas prioridades espirituais, os cristãos deveriam saber o que fazer com a sua riqueza. Por exemplo, deveríamos investir nosso dinheiro em pessoas: “Usem a riqueza deste mundo ímpio para ganhar amigos” (v. 9). O administrador nessa parábola sabe como usar o dinheiro para criar relacionamentos com outros. Da mesma forma, quando damos nosso dinheiro para promover a doutrina e o evangelismo bíblico, estamos

usando de maneira apropriada “a riqueza ímpia”, como oposto ao uso de toda ela nas coisas que contribuem para o nosso mero divertimento e conforto.

Nós podemos cumprir o acima exposto dando regularmente dinheiro para igrejas e ministérios, e se você nunca deu dinheiro para igrejas e ministérios, pode haver algo seriamente errado com sua vida espiritual. Contudo, algo simples como dar uma Bíblia a um novo convertido também é consistente com o princípio acima. Outro exemplo seria comprar livros cristãos de qualidade para outros crentes. Fazendo essas coisas, você estará investido no aspecto mais importante das vidas de outras pessoas, usando a sua “riqueza ímpia” duma forma que cria um impacto sobrenatural. Isso é sem dúvida um uso sábio de dinheiro.

O uso mais sábio de riqueza sempre tocará o que é espiritual. Enquanto o administrador desonesto na parábola planeja para o seu bem-estar temporal, Jesus diz para investirmos nas coisas que são espirituais. Use sua riqueza para beneficiar outros de maneiras espirituais, e “estes o receberão nas moradas eternas”. Em outras palavras, você terá amigos quando você chegar ao céu. Os benefícios que eles receberão perdurarão além dessa vida, para a próxima, e você será recompensado por sua contribuição. Uma pessoa verdadeiramente sábia usará sua riqueza para criar um impacto que permanece além dessa vida.

Jesus concluí a parábola dizendo:

> Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito. Assim, se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas? E se vocês não forem dignos de confiança em relação ao que é dos outros, quem lhes dará o que é de vocês? “Nenhum servo pode servir a dois senhores; pois odiará um e amará outro, ou se dedicará a um e desprezará outro. Vocês não podem servir a Deus e ao Dinheiro”. (Lucas 16:10-13)

Não importa quanto dinheiro passe por suas mãos nessa vida, ele é “pouco” comparado com as riquezas que você pode ter na vida porvir; contudo, “quem é fiel no pouco, também é fiel no muito”, assim “se vocês não forem dignos de confiança em lidar com as riquezas deste mundo ímpio, quem lhes confiará as verdadeiras riquezas?” (v. 11). O dinheiro não é a verdadeira riqueza, mas Deus tem riquezas verdadeiras para você no céu. Mas por que ele deveria lhe confiar as verdadeiras riquezas se você não foi fiel nas riquezas terrenas?

Essas duas parábolas nos fazem examinar nossas prioridades em nossos pensamentos e ações. Se você dá dinheiro regularmente para igrejas e ministérios, mas pensa constantemente sobre como você pode obter mais riqueza mais frequentemente do que você pensa sobre como pode se tornar um cristão melhor, então você ainda está sendo tolo. Qualquer outra coisa que prenda a mente além de Deus é um ídolo, e o ter Deus em sua mente é caracterizado por pensamentos escriturísticos.

Deus não é contra que tenhamos dinheiro, e realmente ele faz com que pessoas prosperem à medida que ele quer, mas ele quer que estejamos preocupados apenas com as coisas de Deus:

> Observem como crescem os lírios. Eles não trabalham nem tecem. Contudo, eu lhes digo que nem Salomão, em todo o seu esplendor, vestiu-se como um deles. Se Deus veste assim a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao fogo, quanto mais vestirá vocês, homens de pequena fé! Não busquem ansiosamente o que comer ou beber; não se preocupem com isso. Pois o mundo pagão é que corre atrás dessas coisas; mas o Pai sabe que vocês precisam delas. Busquem, pois, o Reino de Deus, e essas coisas lhes serão acrescentadas. Não tenham medo, pequeno rebanho, pois foi do agrado do Pai dar-lhes o Reino. (Lucas 12:27-32)

Lembre-se o que Jesus diz: “Quanto ao que foi semeado entre os espinhos, este é aquele que ouve a palavra, mas a preocupação desta vida e o engano das riquezas a sufocam, tornando-a infrutífera” (Mateus 13:22). Muitos crentes professos são espiritualmente infrutíferos porque eles estão obcecados com riquezas mundanas. Se você é uma dessas pessoas, agora é o tempo de se arrepender e mudar.

6. SOBRE EXCLUSIVISMO

O Cristianismo afirma a exclusividade absoluta da salvação, significando que há somente uma forma de ser salvo, e que todos que não passam por esse caminho estão excluídos. O caminho para Deus e o céu não é largo, mas estreito. De fato, ele é tão estreito que há somente uma forma de ser salvo, e alguém que não trilhe sobre esse caminho está se dirigindo à condenação, ou ao tormento consciente sem fim no inferno.

A Bíblia não tem nenhum respeito para com todas as religiões não-cristãs – ela denuncia todas elas como falsas, tendo sido inspiradas por demônios e inventadas por homens. Isso é evidente em várias seções da Bíblia, tais como os Dez Mandamentos (Êxodo 20:3), a confrontação entre Elias e os profetas de Baal (1 Reis 18:20-46), e os escritos do apóstolo Paulo (Romanos 1:18-32). Enquanto todos os cristãos serão levados ao céu, todos os não-cristãos sofrerão o tormento consciente sem fim no inferno.

Como Pedro declara em Atos 4:8-12:

> Autoridades e líderes do povo! Visto que hoje somos chamados para prestar contas de um ato de bondade em favor de um aleijado, sendo interrogados acerca de como ele foi curado, saibam os senhores e todo o povo de Israel que por meio *do nome de Jesus Cristo*, o Nazareno, a quem os senhores crucificaram, mas a quem Deus ressuscitou dos mortos, este homem está aí curado diante dos senhores. Este Jesus é "a pedra que vocês, construtores, rejeitaram, e que se tornou a pedra angular". *Não há salvação em nenhum outro, pois, debaixo do céu não há nenhum outro nome dado aos homens pelo qual devamos ser salvos*.

Agora, nos voltemos para João 10:1-10, onde lemos o seguinte:

> "Eu lhes asseguro que aquele que não entra no aprisco das ovelhas pela porta, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante. Aquele que entra pela porta é o pastor das ovelhas. O porteiro abre-lhe a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as suas ovelhas pelo nome e as leva para fora. Depois de conduzir para fora todas as suas ovelhas, vai adiante delas, e estas o seguem, porque conhecem a sua voz. Mas nunca seguirão um estranho; na verdade, fugirão dele, porque não reconhecem a voz de estranhos". Jesus usou essa comparação, mas eles não compreenderam o que lhes estava falando. Então Jesus afirmou de novo: "Digo-lhes a verdade: Eu sou a porta das ovelhas. Todos os que vieram antes de mim eram ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram. Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá, e encontrará pastagem. O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente".

Havia dois tipos de apriscos. Nas vilas e aldeias, havia apriscos públicos onde todos os rebanhos da vila eram abrigados quando eles retornavam para casa à noite. Esses apriscos eram protegidos por uma porta forte da qual somente o guardião tinha a chave. O versículo 3 diz: "O porteiro abre-lhe a porta, e as ovelhas ouvem a sua voz. Ele chama as suas ovelhas pelo nome e as leva para fora".

Havia um segundo tipo de aprisco. Durante as estações mais quentes, um pastor podia levar as ovelhas para as colinas e não retornar à noite. Em tais épocas, as ovelhas seriam reunidas num espaço aberto com um muro ao redor dele. Cada um desses apriscos tinha uma abertura através da qual as ovelhas podiam entrar e sair. Não havia um portão ou porta física. À noite, o pastor deitaria transversalmente na abertura, e nenhuma ovelha poderia entrar ou sair, exceto sobre o seu corpo. Assim, o pastor era literalmente a porta. Nos versículos 7-9, Jesus declara: "Eu sou a porta das ovelhas" e "quem entra por mim será salvo". Correspondente a isso, ele diz em João 14:6: "Eu sou o caminho, a verdade e a vida. Ninguém vem ao Pai, a não ser por mim".

Assim, Jesus exclui todas as outras opções para salvação. Não há nenhum "caminho" para Deus aparte de Jesus, e todos os alegados caminhos para salvação são falsos e levam à condenação. Aqueles que falham em abraçar a Jesus Cristo têm rejeitado a salvação, e aqueles que seguem outros na esperança de salvação não são ovelhas de Deus. Eles não pertencem a Deus, e não serão salvos. Por outro lado, Jesus diz em João 10:14: "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem". Se você pertence a Deus, então você conhecerá a Jesus Cristo e o seguirá como sua ovelha. Algumas pessoas perguntam: "Não há muitos caminhos para Deus?". A resposta de Deus é: "NÃO!". Há somente um caminho para Deus e a salvação.

Jesus não é somente a porta do aprisco, mas ele também se chama de o "bom pastor". Ele diz em João 10:11: "Eu sou o bom pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas". E no versículo 14, ele diz: "Eu sou o bom pastor; conheço as minhas ovelhas, e elas me conhecem".

Agora, Jesus diz no versículo 9: "Eu sou a porta; quem entra por mim será salvo. *Entrará e sairá*, e encontrará pastagem". Para os hebreus, a capacidade de entrar e sair sem problemas implica paz e segurança na vida. Encontramos essa idéia várias vezes no Antigo Testamento. Por exemplo, Deuteronômio 28:1-2, 6 diz: "Se vocês obedecerem fielmente ao SENHOR, o seu Deus, e seguirem cuidadosamente todos os seus mandamentos que hoje lhes dou, o SENHOR, o seu Deus, os colocará muito acima de todas as nações da terra. Todas estas bênçãos virão sobre vocês e os acompanharão, se vocês obedecerem ao SENHOR, o seu Deus... Vocês serão *benditos quando entrar e benditos quando sair*".[11]

Então, Números 27:15-18 diz: "Então, disse Moisés ao SENHOR: O SENHOR, autor e conservador de toda vida, ponha um homem sobre esta congregação que *saia* adiante deles, *e que entre* adiante deles, e que os *faça sair*, e que os *faça entrar*, para que a congregação do SENHOR não seja como ovelhas que não têm pastor. Disse o SENHOR a Moisés: Toma Josué, filho de Num, homem em quem há o Espírito, e impõe-lhe as mãos" (ARA). Moisés estava para morrer, e ele pede a Deus um sucessor. De fato, ele

[11] Nota do tradutor: Traduzi o versículo 6 com base na NIV, pois a NVI trás assim o versículo: "Vocês serão abençoados em tudo o que fizerem". Quanto às demais versões brasileiras, a ARA trás "Bendito serás ao entrares e bendito, ao saíres" e a ARC "Bendito serás ao entrares e bendito serás ao saíres.

ora: “Conceda à Israel um novo líder, que lhes dará paz, segurança, estrutura, ordem e vitória”. Ele está pedindo um líder que “que saia adiante deles, e que entre adiante deles, e que os faça sair, e que os faça entrar”.

Então, nos voltamos para o Salmo 121, para a nossa ilustração final: “O Senhor o protegerá de todo o mal, protegerá a sua vida. O Senhor protegerá *a sua saída e a sua chegada*, desde agora e para sempre” (v. 7-8). Se a proteção de Deus está com você, você será capaz de “entrar e sair” em paz, sem encontrar problemas ou ser molestado.

Como cristãos, Jesus é a nossa porta e o nosso pastor, de forma que podemos “entrar e sair, e encontrar pastagem” (v. 9). Ele nos trás não somente salvação do pecado, mas também paz, estabilidade, segurança e poder: “O ladrão vem apenas para roubar, matar e destruir; eu vim para que tenham vida, e a tenham plenamente” (João 10:10). Embora muitos cristãos tenham recebido salvação pela fé em Jesus Cristo, muito deles ainda não têm paz. Eles precisam entender que Jesus é tanto a porta para a nossa salvação como o pastor do rebanho. Podemos confiar nele, ser conduzido por ele e descansar nele.

Ele diz em Mateus 11:29-30: “Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração, e vocês encontrarão descanso para as suas almas. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve”. Muitos cristãos não têm descanso; antes, eles são totalmente perturbados em suas almas. Eles constantemente levam o fardo de temor e culpa. Eles precisam ver Jesus como seu bom pastor. Como Pedro diz em 1 Pedro 2:25: “Pois vocês eram como ovelhas desgarradas, mas agora se converteram ao Pastor e Bispo de suas almas”.

Embora ele seja o bom pastor, Jesus também escolheu certos cristãos para supervisionar seu rebanho. Ministros são como pastores supervisionando as ovelhas que pertencem a Jesus Cristo. Assim, Jesus é o “Supremo Pastor” (1 Pedro 5:4), e os ministros cristãos servem sob ele para guardar o seu povo.

Em Atos 20:28-32, Paulo diz o seguinte:

> Cuidem de vocês mesmos e de todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo os colocou como bispos, para pastorearem a igreja de Deus, que ele comprou com o seu próprio sangue. Sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que torcerão a verdade, a fim de atrair os discípulos. Por isso, vigiem! Lembrem-se de que durante três anos jamais cessei de advertir cada um de vocês disso, noite e dia, com lágrimas. Agora, eu os entrego a Deus e à palavra da sua graça, que pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados.

Paulo fala dos cristãos como ovelhas, e os ministros como “bispos” e “pastores”. Mas ele também menciona “lobos ferozes”, dizendo, “sei que, depois da minha partida, lobos ferozes penetrarão no meio de vocês e não pouparão o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens que *torcerão a verdade*, a fim de atrair os discípulos”. Em outras palavras, até mesmo alguns cristãos professos introduzirão falsas doutrinas na igreja. Paulo prescreve a solução: “Agora, eu os entrego a Deus e à *palavra da sua graça*, que

pode edificá-los e dar-lhes herança entre todos os que são santificados". A responsabilidade do ministro é conduzir o povo de Deus, e sua prioridade é ensiná-los a palavra de Deus e protegê-los das falsas doutrinas. Os ministros devem entender que o dever primário deles é alimentar as ovelhas com pregação doutrinária correta.

Um objetivo principal do ministro é ajudar os cristãos a alcançar a maturidade, de forma que eles não mais sejam como "crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina" (Efésios 4:14). Os ministros devem "pregar a palavra" em todos os tempos, a despeito dos protestos daqueles que têm "coceira nos ouvidos", e que querem somente ouvir coisas que sejam "segundo os seus próprios desejos" (2 Timóteo 4:2-3). Deus diz que os "pastores segundo o meu coração" são aqueles que "vos apascentem com conhecimento e com inteligência" (Jeremias 3:15, ARA). Não há tal coisa como um ministro cristão competente que não enfatiza doutrina.

Pedro, o apóstolo, escreve:

> Portanto, apelo para os presbíteros que há entre vocês, e o faço na qualidade de presbítero como eles e testemunha dos sofrimentos de Cristo, como alguém que participará da glória a ser revelada: pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer. Não façam isso por ganância, mas com o desejo de servir. Não ajam como dominadores dos que lhes foram confiados, mas como exemplos para o rebanho. Quando se manifestar o Supremo Pastor, vocês receberão a imperecível coroa da glória (1 Pedro 5:1-4).

Nossa próxima passagem sobre a exclusividade vem de Mateus 7:13-14. Jesus diz: "Entrem pela porta estreita, pois larga é a porta e amplo o caminho que leva à perdição, e são muitos os que entram por ela. Como é estreita a porta, e apertado o caminho que leva à vida! São poucos os que a encontram". Aqui as duas portas e as duas estradas representam os caminhos para salvação e destruição. A porta larga e o caminho amplo conduzem à perdição, mas a porta estreita e o caminho apertado conduzem à vida.

Aqueles que afirmam a doutrina bíblica do exclusivismo são frequentemente acusados de serem preconceituosos. Contudo, o próprio Jesus é extremamente preconceituoso e mente-fechada quando diz respeito à salvação. Ele afirma que há somente um caminho para a salvação, e que a questão não é um assunto para debate ou revisão.

Nossa sociedade exalta o fato de alguém ter cabeça-aberta como uma virtude, mas tudo que isso significa é que a pessoa não tem nenhuma reivindicação de conhecimento – isto é, ela é uma admissão de ignorância. De fato, parece que deveríamos ser cabeça-aberta enquanto formos ignorantes e duvidosos. Mas uma vez que tenhamos descoberto a verdade, seria loucura permanecer cabeça-aberta sobre o assunto. Eu não sou cabeça-aberta para o fato de que 2 + 2 = 4. Eu não sou cabeça-aberta para o fato de se eu tenho duas mãos e dois pés. Eu não estou tentando encontrar a verdade sobre essas coisas – eu já conheço a verdade sobre elas. Consequentemente, nenhum cristão deve ser cabeça-aberta sobre se Jesus Cristo é o único caminho para salvação – nós já sabemos que Jesus

Cristo é o único caminho para salvação. Ter cabeça-aberta é nada mais do que ignorância intelectual e covardia moral.

1 Timóteo 3:15 diz que “a igreja do Deus vivo” é a “coluna e fundamento da verdade”. Embora muitas pessoas considerem a busca pela verdade um objetivo digno para uma vida toda, os cristãos já conhecem a verdade. Nesse sentido, não somos pesquisadores da verdade, mas visto que já encontramos a verdade – Jesus diz: “A tua palavra é a verdade” (João 17:17) – somos agora estudantes e defensores da verdade. A salvação é exclusiva – há somente um caminho para ser salvo. Mas o caminho para destruição é amplo. Quando diz respeito à salvação, ser cabeça-aberta para alguma outra coisa senão a fé bíblica verdadeira é tolo e perigoso.

Muitas pessoas reivindicam que a iluminação conduz à abertura de mente – quanto mais iluminado você for, mas cabeça-aberta você deverá ser. Mas eles estão errados. A verdadeira iluminação inevitavelmente conduzirá à estreiteza de mente. Quanto mais próximo você estiver da verdade, mais opções você terá eliminado. Quando diz respeito à salvação, quando você chega à verdade, você terá excluído todo caminho falso para salvação, e Jesus Cristo é o único que permanece.

Certamente, o termo “cabeça-fechada” é frequentemente usado de uma maneira depreciativa, mas podemos mudá-la e usá-la num sentido positivo. Enquanto uma “cabeça-fechada” resultante de um conhecimento preciso seja um sinal de sabedoria, uma “cabeça-aberta” não-crítica é a marca de um tolo. Cabeça-aberta é uma máscara atrás da qual os anões intelectuais se escondem. Dizer que uma pessoa é completamente cabeça-aberta também significa que ela não sabe nada. Ela não tem nenhuma informação que a capacitará a excluir opções que são obviamente falsas.

De qualquer forma, por que precisamos mais de um caminho para salvação? Podemos realmente dizer a Deus: “Eu quero ser salvo e estar contigo no céu para sempre – mas somente sobre os meus termos!”? Muitas pessoas insistem em outros caminhos para a salvação, quando Deus providenciou apenas um. Com tal atitude, alguém se surpreenderá que eles serão condenados ao tormento consciente extremo e sem fim no inferno?

7. SOBRE JUSTIÇA PRÓPRIA

Lucas parece favorecer o assunto da justiça própria, visto que várias passagens em seu Evangelho têm a ver com como Jesus desafiou aqueles que tinham uma segurança injustificada em sua própria justiça. Por exemplo, Lucas 13:1-5 diz:

> Naquela ocasião, alguns dos que estavam presentes contaram a Jesus que Pilatos misturara o sangue de alguns galileus com os sacrifícios deles. Jesus respondeu: "Vocês pensam que esses galileus eram mais pecadores que todos os outros, por terem sofrido dessa maneira? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão. Ou vocês pensam que aqueles dezoito que morreram, quando caiu sobre eles a torre de Siloé, eram mais culpados do que todos os outros habitantes de Jerusalém? Eu lhes digo que não! Mas se não se arrependerem, todos vocês também perecerão".

Vocês pensam que em si mesmos vocês são melhores do que os assassinos, estupradores, mentirosos, adúlteros e homossexuais? Essas pessoas de fato serão condenadas ao sofrimento sem fim no inferno, mas se não se arrependerem, vocês também perecerão como eles.

Nossa primeira parábola vem de Lucas 18:9-14, e lemo-la da seguinte forma:

> A alguns que confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros, Jesus contou esta parábola: "Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro, publicano. O fariseu, em pé, orava no íntimo: 'Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho'. Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: 'Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador'. Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus. Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado".

Em muitos círculos, é popular dizer que não deveríamos "julgar" as pessoas. Essa idéia tem sido distorcida e levada a tal extremo que tem invalidado o discernimento moral e a autoridade da igreja. Embora a Escritura fale contra o julgamento anti-bíblico e hipócrita, ela não proíbe, antes nos ordena que façamos julgamentos morais das pessoas baseado nos preceitos nos revelados na Escritura: "Amados, não creiam em qualquer espírito, mas examinem os espíritos para ver se eles procedem de Deus, porque muitos falsos profetas têm saído pelo mundo" (1 João 4:1). Portanto, fazer avaliações corretas dos outros baseadas nos preceitos bíblicos não deveria ser confundido como uma marca de justiça própria. De fato, Jesus nos ensina: "Não julguem apenas pela aparência, mas

façam julgamentos justos" (João 7:24). Nosso Senhor nos proíbe de fazer falsos julgamentos, e nos ordena a fazer julgamentos justos.

Assim, uma pessoa que "julga" outros não está necessariamente sendo hipócrita; antes, Jesus estava falando contra aqueles que "confiavam em sua própria justiça e desprezavam os outros" (v. 9). Visto que a Escritura declara que todos os homens são totalmente depravados antes da regeneração, quem confia em sua própria justiça está se enganando. Eles falham em ver que estão na mesma condição miserável que aqueles que eles desprezam, e que eles precisam tanto quanto aqueles da graça e misericórdia soberanas de Deus.

Outra tradução diz que essas pessoas "confiavam em si mesmos, por se considerarem justos" (ARA), e que esse era o problema delas. Elas não viam nenhuma necessidade de uma justiça "alheia" para fazê-las aceitáveis a Deus. Embora a Bíblia diga: "Somos como o impuro todos nós! Todos os nossos atos de justiça são como trapo imundo. Murchamos como folhas, e como o vento as nossas iniqüidades nos levam para longe" (Isaías 64:6), e que "não há ninguém que faça o bem, não há nem um sequer" (Romanos 3:12), as pessoas que confiam em sua própria justiça estão cegas para a sua própria pecaminosidade. A verdade é que não somos justos em nós mesmos, e todos nós estamos em necessidade de salvação por um poder externo. Assim, um homem que se auto-justifica não somente despreza os outros, mas ele o faz sem uma boa razão. Isto é, uma pessoa está enganada no fato de que ela depende de sua própria justiça como sua base para se considerar superior aos outros.

Os versículos 11-12 dizem: "O fariseu, em pé, orava no íntimo: 'Deus, eu te agradeço porque não sou como os outros homens: ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho". Você já agradeceu a Deus pelo fato de você não ser igual às outras pessoas? Aqui, o fariseu menciona: "ladrões, corruptos, adúlteros; nem mesmo como este publicano". Ele está dizendo a Deus: "Eu te agradeço que eu não seja injusto como as outras pessoas. Eu não sou um adúltero, nem um assassino". Então, ele aponta para um exemplo específico, um publicano,[12] e diz: "Eu agradeço a Deus que eu não seja como ele".

Agora, se você está dependendo dos méritos de Cristo como a base para a sua reivindicação de ser justo diante de Deus, então você é um cristão, e certamente deveria ser grato por não ser um dos não-cristãos. Contudo, isso não é o mesmo que reivindicar que você é mais justo do que os outros em si mesmo, como o fariseu está fazendo em nossa passagem. Se sua confiança diante de Deus é baseada em sua própria avaliação positiva de si mesmo, então você está enganado, e precisa saber que "se não se arrepender, você também perecerá" (Lucas 13:3). Mesmo alguém que é considerado relativamente justo pelos homens, mas a quem Deus não imputou a justiça de Cristo, sofrerá no final o mesmo destino dos obviamente injustos, tais como ladrões, adúlteros e assassinos.

O fariseu falhou em captar esse ponto. Ele diz: "Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho" (v. 12). Uma pessoa auto-justificada depende de boas obras como jejum e dízimo para se justificar diante de Deus, mas essas são

[12] Nota do tradutor: "Cobrador de impostos", na NIV.

insuficientes. Jesus explica: “Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (v. 14). Uma pessoa auto-justificada exalta a si mesma. Ela não espera pela aprovação de Deus, mas se exalta diante de Deus e dos outros.

Sempre que ela entra em contato com pessoas, imediatamente tenta mostrar todas suas credenciais e mencionar todas as boas obras que tem feito. Mas Jesus nos ensina a agir de outro modo:

> Portanto, quando você der esmola, não anuncie isso com trombetas, como fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, a fim de serem honrados pelos outros. Eu lhes garanto que eles já receberam sua plena recompensa. Mas quando você der esmola, que a sua mão esquerda não saiba o que está fazendo a direita, de forma que você preste a sua ajuda em segredo. E seu Pai, que vê o que é feito em segredo, o recompensará (Mateus 6:2-4).

Por outro lado, Jesus diz com respeito ao publicano: “Eu lhes digo que este homem, e não o outro, foi para casa justificado diante de Deus” (v. 14). Esse é um final surpreendente, especialmente para os ouvintes judeus do primeiro século. O publicano é justificado, e não o fariseu que parece ter realizado várias boas obras. Qual é a diferença entre eles? O versículo 13 diz: “Mas o publicano ficou à distância. Ele nem ousava olhar para o céu, mas batendo no peito, dizia: ‘Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador’”. Ele encarou a verdade sobre si mesmo. Ele sabia exatamente o que ele era – um pecador necessitado da misericórdia de Deus.

Se você quer alcançar a verdadeira justiça, então você precisa encarar a verdade sobre si mesmo. O publicano não somente encarou a verdade sobre si mesmo, mas também entendeu a única solução para o seu pecado. Ele confessou que era um pecador, e então se lançou sobre a graça soberana de Deus: “Deus, tem misericórdia de mim, que sou pecador”. O único antídoto para o pecado é a misericórdia de Deus, e não a reforma moral baseada em sua própria vontade e esforço.

A dívida do pecado é muito grande para pagarmos. O publicado tinha esse discernimento valioso e agiu de acordo com ele. Ao invés de negar sua dívida ou prometer pagá-la (o que ele não podia), ele implorou por misericórdia, da qual Deus tem abundância: “Pois tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em misericórdia para com todos os que te invocam” (Salmos 86:5, KJV). Quando chegamos a Deus, devemos primeiro ver nossa verdadeira condição, e então depender de sua misericórdia somente. Não há nenhum outro caminho. De fato, sem Deus primeiro nos mostrar misericórdia e iluminar nossas mentes, não reconheceremos nem mesmo nossa própria pecaminosidade. Assim, do princípio ao fim, a salvação vem de Deus somente, que mostra misericórdia a quem quer.

Jesus conclui a parábola com a admoestação: “Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado” (Lucas 18:14). Isso nos leva à nossa próxima parábola, que se encontra em Lucas 14:7-11:

> Quando notou como os convidados escolhiam os lugares de honra à mesa, Jesus lhes contou esta parábola: “Quando alguém o convidar para um banquete de casamento, não ocupe o lugar de

> honra, pois pode ser que tenha sido convidado alguém de maior honra do que você. Se for assim, aquele que convidou os dois virá e lhe dirá: 'Dê o lugar a este'. Então, humilhado, você precisará ocupar o lugar menos importante. Mas quando você for convidado, ocupe o lugar menos importante, de forma que, quando vier aquele que o convidou, diga-lhe: 'Amigo, passe para um lugar mais importante'. Então você será honrado na presença de todos os convidados. Pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado".

Jesus observou que algumas pessoas estavam escolhendo os lugares de honra para si mesmas. Elas faziam isso porque pensavam alto de si mesmas ou queriam se exaltar. Para atacar esse tipo de comportamento Jesus ensina que a verdadeira honra é dada e não tomada. Isso é especialmente verdade no reino de Deus. Você deve permanecer humilde e esperar que Deus lhe eleve. Ao invés de escolher os lugares de honra para si mesmo, escolha os lugares inferiores. Ao invés de passar pelo embaraço de ter a honra que você inadequadamente assumiu tomada de você, você deveria pegar uma posição inferior para si mesmo, e deixar que outra pessoa, ao invés de você, te promova.

Os cristãos precisam aprender essa lição. Esperamos egoísmo e auto-exaltação da parte do mundo, mas as mesmas atitudes e comportamentos que caracterizam os incrédulos estão impregnadas em muitas congregações. Até mesmo ministros se "conectam" com outros, não para fornecer um maior serviço ao seu povo ou promover a glória de Deus, mas para multiplicar as "conexões" que lhe tragam fama e ganho financeiro. Alguns pregadores se chamam de "apóstolos" e buscam exercer autoridade sobre muitas igrejas, mas eles raramente conhecem o suficiente da Bíblia para ensinar numa sala de aula de crianças.

Jesus diz em Mateus 20:25-28: "Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Ao contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". Os líderes da igreja são de fato "primeiro" no sentido de que Deus lhes deu autoridade sobre o seu povo. Mas isso é assim para que eles possam promover sua causa e servir ao seu rebanho, e não para aumentar o próprio conforto carnal deles demandando que os outros lhes sirvam. Muitas pessoas não vivem à altura do lugar de honra que elas desejam ter, ou já tenham reivindicado para si mesmas. Por exemplo, alguns podem desejar ser respeitados como um pregador ou teólogo entre os cristãos, mas eles não estudam e ensinam as palavras da Escritura fielmente.

Nem mesmo Jesus Cristo buscou honra para si, mas ele procurou fazer a vontade de Deus a fim de ganhar a honra que vinha do seu Pai. Ele diz em João 5:44: "Como vocês podem crer, se aceitam glória uns dos outros, mas não procuram a glória que vem do Deus único?". E em João 8:54, ele diz: "Se glorifico a mim mesmo, a minha glória nada significa. Meu Pai, que vocês dizem ser o seu Deus, é quem me glorifica". A verdadeira honra vem de Deus e não dos homens.

O versículo da nossa passagem diz: "Pois quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado". Esse é o princípio geral: "Quem se humilha será exaltado".

Várias vezes a KJV usa a palavra, “vanglória”, que significa honra vazia. Vanglória é de fato um tipo de honra, mas ela é “vazia” e sem verdadeiro significado. Algumas pessoas fariam qualquer coisa para conseguir algum reconhecimento, mas de onde o reconhecimento vem?

O apóstolo Paulo diz em Filipenses 2:3: “Nada façam por ambição egoísta ou por vaidade, mas humildemente considerem os outros superiores a si mesmos”. A KJV [13] traduz “vaidade” [14] como “vanglória”, ou honra vazia. Leiamos o versículo dessa forma: “Não façam nada por egoísmo ou por honra vazia, mas com uma atitude humilde considerem os outros superiores a si mesmos”. Isso é difícil para algumas pessoas fazer – elevar os outros, e humilhar a si mesmos.

Há uma falsa humildade, onde o orgulho de alguém é realmente escondido na maneira superficial como ele se subestima. Contudo, a verdadeira humildade não nega os fatos – isto é, você pode admitir possuir certos talentos (e até mesmo esses são dons de Deus), mas você simplesmente não é arrogante sobre eles, sempre os exibindo na frente dos outros, e desejando receber reconhecimento e louvor dos outros. Não tente atrair a luz do refletor todas as vezes.

A Bíblia diz: “Não é do oriente nem do ocidente nem do deserto que vem a exaltação. É Deus quem julga: Humilha a um, a outro exalta” (Salmo 75:6-7). Espere que Deus te exalte. Deus te colocará no lugar certo no tempo certo. Deus te colocará juntamente com as pessoas certas. Ele cumprirá o seu plano para a sua vida. Confiar em Deus para a nossa promoção pode demandar paciência. A maioria de nós gostaria de ser promovido mais rápido do que realmente acontece. Mas devemos entender que Deus nunca nos engana, e que ele cumprirá suas promessas e planos para as nossas vidas.

Ainda mais importante do que como Deus nos honra é se estamos honrando a Deus. Deveríamos honrá-lo em nossos pensamentos e ações. Deus diz em 1 Samuel 2:30: “Honrarei aqueles que me honram, mas aqueles que me desprezam serão tratados com desprezo”. Nós o honramos em nossa vida diária? Rendemos-lhes graças, ou constantemente nos queixamos dele? Defendemos sua honra contra as blasfêmias dos não-cristãos? Somos zelosos por sua honra? Pensamos bons pensamentos sobre ele? Salmo 19:14 diz: “Que as palavras da minha boca e a meditação do meu coração sejam agradáveis a ti, Senhor, minha Rocha e meu Resgatador!”

A pessoa auto-justificada honra a si mesma, mas no final ela recebe somente a honra vazia dos homens. Por outro lado, a verdadeira honra vem somente através da aprovação soberana de Deus de um estilo de vida bíblico. Não devemos honrar a nós mesmos, mas focar nossos esforços em honrar a Deus, e Deus nos honrará no tempo apropriado: “Portanto, humilhem-se debaixo da poderosa mão de Deus, para que ele os exalte no tempo devido” (1 Peter 5:6). A justiça própria é pelo menos parcialmente um resultado da cegueira espiritual – a incapacidade de ver a sua própria miserabilidade. Que Deus possa abrir nossos olhos para vermos nossa verdadeira condição, de forma que possamos desesperar-nos com os nossos próprios esforços e depender da sua misericórdia somente.

[13] Nota do tradutor: Assim como a ARA e ARC.
[14] Nota do tradutor: “Conceito vão”, na NIV.

8. SOBRE MINISTÉRIO

Todo cristão é chamado para trabalhar para Deus, mas muitas pessoas mantêm crenças erradas com relação a esse assunto. Do modo como muitos cristãos professos pensam hoje, é como se o serviço que oferecemos a Deus fosse um favor a ele que demanda ser recompensado. Esse capítulo corrige essa visão anti-bíblica do homem e do ministério, e nos lembra do governo e domínio de Deus sobre nós. Deus não nos deve nada; antes, todo serviço que oferecemos lhe é devido em primeiro lugar, e é somente por causa da sua graça soberana que seremos recompensados pelo que fizermos.

Nossa primeira parábola vem de Mateus 25:14-30:

> E também será como um homem que, ao sair de viagem, chamou seus servos e confiou-lhes os seus bens. A um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um; a cada um de acordo com a sua capacidade. Em seguida partiu de viagem. O que havia recebido cinco talentos saiu imediatamente, aplicou-os, e ganhou mais cinco. Também o que tinha dois talentos ganhou mais dois. Mas o que tinha recebido um talento saiu, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor.
>
> Depois de muito tempo o senhor daqueles servos voltou e acertou contas com eles. O que tinha recebido cinco talentos trouxe os outros cinco e disse: 'O senhor me confiou cinco talentos; veja, eu ganhei mais cinco'.
>
> O senhor respondeu: 'Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!'
>
> Veio também o que tinha recebido dois talentos e disse: 'O senhor me confiou dois talentos; veja, eu ganhei mais dois'.
>
> O senhor respondeu: 'Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!'
>
> Por fim veio o que tinha recebido um talento e disse: 'Eu sabia que o senhor é um homem severo, que colhe onde não plantou e junta onde não semeou. Por isso, tive medo, saí e escondi o seu talento no chão. Veja, aqui está o que lhe pertence'.
>
> O senhor respondeu: 'Servo mau e negligente! Você sabia que eu colho onde não plantei e junto onde não semeei? Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros.

> "Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez. Pois a quem tem, mais será dado, e terá em grande quantidade. Mas a quem não tem, até o que tem lhe será tirado. E lancem fora o servo inútil, nas trevas, onde haverá choro e ranger de dentes".

Alguns ministros ensinam que a todo crente foi dado a mesma medida de fé e graça. De acordo com eles, embora possamos ter ganhado diferentes tipos de dons e ministérios espirituais, ganhamos a mesma quantidade de fé e graça. Eles até mesmo aplicam isso aos ministros cristãos, de forma que nem mesmo aqueles especialmente chamados para a obra do ministério não receberam mais graça do que aqueles que não foram chamados dessa forma. De acordo com eles, embora alguns cristãos se beneficiem mais dos meios da graça, através dos quais eles amadurecem e crescem mais rapidamente do que os outros, um cristão não começa com mais poder espiritual do que outro.

Contudo, esse ensino é anti-bíblico. Não é verdade que Deus dá a todos a mesma quantidade de fé e graça, ou poder espiritual. Jesus diz que no "reino dos céus" (Mateus 25:1), a um é dado cinco talentos, a outro é dado dois, e a outro é dado somente um (v. 15).

Paulo escreve: "Temos diferentes dons, *de acordo* com a graça que nos foi dada" (Romanos 12:6). Isso indica que a graça nos dada determina os nossos dons, e a graça nos dada difere. A graça dada a um apóstolo difere da graça dada a um profeta, e a graça dada a um teólogo difere da graça dada a um evangelista. Ele continua: "Se alguém tem o dom de profetizar, use-o *na proporção* da sua fé" (Romanos 12:6). Isso indica que os dons espirituais não somente diferem em tipo, mas também em força, dependendo da medida da fé de uma pessoa. Assim, que tipo de dons espirituais você tem depende da graça específica que Deus lhe deu, e você pode exercer esses dons à extensão do seu nível de fé. Contudo, você não decide quanta fé terá, visto que a fé é algo que você não produz, mas é um dom de Deus (Efésios 2:8). Nossa fé para o ministério é uma fé que vem de Cristo (Atos 3:16).

A NIV diz: "*a* medida de fé", e isso dá a algumas pessoas a idéia de que Deus dá a todos a mesma quantidade de fé no princípio, e que cabe a nós desenvolvê-la. Contudo, o artigo definido ("a") está ausente do grego texto. O versículo não se refere a uma medida fixa de fé, mas ele diz: "a medida de fé que *Deus lhe deu*". A NASB corretamente traduz: "como Deus distribuiu a cada *uma medida* de fé". Isto é, Deus deu a cada cristão uma medida de fé, e ao invés de dizer que a todos foi dada a mesma medida, esse versículo implica que a cada um foi dada uma medida específica e diferente de fé, como determinado por Deus.

Everett F. Harrison escreve o seguinte:

> Há algum medidor que capacitará uma pessoa a estimar sua posição com respeito aos dons espirituais? Paulo responde na afirmativa, apontando para "a medida de fé"... Godet entende "medida" no sentido de grau. "Esse dom, a medida da ação para a qual fomos chamados, é o limite divino que o cristão com mente renovada deve discernir, e pelo qual ele deve regular suas aspirações a respeito da parte que ele tem para desempenhar na igreja"... fé, como usada nessa passagem... [é] fé no sentido de

> captar a natureza do dom espiritual da pessoa e ter confiança para exercê-lo corretamente. [15]

Algumas pessoas pensam que seria injusto para Deus dar às pessoas medidas diferentes de fé e graça. Mas esse tipo de pensamento é perigoso e tolo. Ninguém de nós merece sequer um "talento", e agora estamos nos queixando de que a alguns foi dado mais? Como a pessoa na outra parábola diz: "Não tenho o direito de fazer o que quero com o meu dinheiro? Ou você está com inveja porque sou generoso?" (Mateus 20:15). Paulo escreve: "De fato, Deus dispôs cada um dos membros no corpo, segundo a sua vontade" (1 Coríntios 12:18). Nosso lugar na igreja foi determinado pela vontade soberana de Deus.

Em todo caso, não é correto assumir que a todos foi dado a mesma quantidade de fé e graça, visto que Deus chamou cristãos para realizar tarefas com níveis diferentes de magnitude e dificuldade. De fato, alguém pode argumentar que seria injusto dar a alguém que foi chamado para realizar uma tarefa difícil a mesma quantidade de fé e graça que foi dada àquele que foi chamado para cumprir uma responsabilidade relativamente pequena. Por exemplo, alguém que é chamado para um ministério internacional de televisão e rádio precisa de muita mais fé e graça do que um cristão que vive o que parece ser uma vida sem ocorrências especiais. Pelo menos na área do ministério, não podemos ignorar o fato de que a alguns cristãos foi dado mais fé e graça do que a outros.

Ministros não precisam negar esse ensino bíblico para encorajar os crentes a servir na igreja ou pregar o evangelho. Ao invés de lhes dizer que a todos foi dado a mesma quantidade de fé e graça, precisamos somente lembrá-los que a todos foi dado *alguma* quantidade de fé e graça, e que eles têm a obrigação de exercer seus dons espirituais ao nível da fé e graça deles, e assim, prestar o serviço apropriado a Deus.

Em adição, afirmamos que uma pessoa pode crescer na fé e graça. Um cristão não está limitado à quantia de fé e graça que foi lhe dada inicialmente. Paulo escreve: "Irmãos, devemos sempre dar graças a Deus por vocês; e isso é justo, porque a fé que vocês têm cresce cada vez mais, e muito aumenta o amor de todos vocês uns pelos outros" (2 Tessalonicenses 1:3). Por outro lado, até mesmo alguém a quem foi dada uma abundância de dons espirituais pode negligenciá-los, e assim somos ordenados a "manter viva a chama do dom de Deus" (2 Timóteo 1:6), de forma que nossos ministérios possam funcionar como Deus pretende.

Nossa parábola diz em Mateus 25:16: "O que havia recebido cinco talentos saiu *imediatamente*, *aplicou-os*, e ganhou mais cinco". Ele começou imediatamente a usar o que seu senhor tinha lhe dado. Da mesma forma, Deus demanda que usemos nossos dons espirituais para interagir com o mundo, edificar a igreja e promover a sua causa. Como 1 Pedro 4:10-11 diz:

> Cada um exerça o dom que recebeu para servir os outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas. Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de

[15] *Expositor's Bible Commentary*, Vol. 10; Grand Rapids, Michigan: Zondervan Publishing House, 1976; p. 129.

> Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém.

Devemos usar nossos dons espirituais para "servir os outros", para o fim de que "em todas as coisas Deus seja glorificado".

Você deve usar os dons que Deus lhe deu. Se foi lhe dado um martelo, não tente serrar madeira com ele, mas, ao invés disso, coloque seu martelo no devido uso martelando um prego. À medida que você "aplica-os" (os seus dons espirituais), você estará servindo adequadamente aos outros, e estará trazendo glória à Deus.

À medida que usamos nossos dons para interagir com o mundo, nosso relacionamento com ele será crescentemente definido pelos nossos dons. Visto que Deus é aquele que decide quais dons teremos, ele é aquele que determina qual papel teremos no mundo, e nosso relacionamento com este mundo é corretamente definido somente à medida que usamos os dons que ele nos deu.

Se Deus te deu o dom de ensinar, e você está exercendo fielmente esse dom, você será corretamente reconhecido como um mestre. Se você fica de pé por detrás de um púlpito para pregar toda semana, as pessoas não te confundirão com um contabilista ou policial! É a vontade de Deus que você seja reconhecido e definido pelos dons que ele lhe deu. Deus definiu seu lugar na igreja, e lhe deu os dons correspondentes. Os outros simplesmente reconhecem o que Deus já decidiu.

Contudo, se você pretende agir num ofício ministerial que Deus não lhe deu, você será falsamente definido neste mundo. Somente quando você estiver agindo de acordo com a forma como Deus designou é que você estará servindo corretamente os outros, trazendo glória a Deus, e corretamente definido tanto no mundo como na igreja. E à medida que você usa os dons espirituais que Deus lhe deu, eles crescerão em escopo e força: "O que havia recebido cinco talentos saiu imediatamente, aplicou-os, e ganhou mais cinco. Também o que tinha dois talentos ganhou mais dois" (v. 16-17).

O que fazemos com nossos dons espirituais terão ramificações duradouras:

> Depois de muito tempo o senhor daqueles servos voltou e acertou contas com eles. O que tinha recebido cinco talentos trouxe os outros cinco e disse: "O senhor me confiou cinco talentos; veja, eu ganhei mais cinco". O senhor respondeu: "Muito bem, servo bom e fiel! Você foi fiel no pouco, eu o porei sobre o muito. Venha e participe da alegria do seu senhor!" (Mateus 25:19-21).

Paulo escreve: "O exercício físico é de pouco proveito; a piedade, porém, para tudo é proveitosa, porque tem promessa da vida presente e da futura. Esta é uma afirmação fiel e digna de plena aceitação" (1 Timóteo 4:8-9). Devemos sempre focar nossa atenção sobre as coisas espirituais, visto que elas afetam tanto a nossa vida presente como a vida porvir. Assim, o uso apropriado dos nossos dons espirituais não é uma questão inferior.

A parábola ensina que o medo e a preguiça podem impedir alguém de usar seus dons para interagir com o mundo. O versículo 18 diz: “Mas o que tinha recebido um talento saiu, cavou um buraco no chão e escondeu o dinheiro do seu senhor”. Mais adiante, ele explica: “Por isso, tive medo, saí e escondi o seu talento no chão. Veja, aqui está o que lhe pertence” (v. 25).

Embora ele reivindique que não perdeu nada, seu senhor o repreende: “Servo mau e negligente! Você sabia que eu colho onde não plantei e junto onde não semeei? Então você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros. Tirem o talento dele e entreguem-no ao que tem dez”.

O senhor observa: “Você devia ter confiado o meu dinheiro aos banqueiros, para que, quando eu voltasse, o recebesse de volta com juros”. Mas o servo temeroso falhou em fazer até mesmo isso, e assim, o senhor discerne outra razão para a inutilidade do servo, que é o fato dele ser um servo preguiçoso. Da mesma forma, Deus desaprova aqueles que escondem seus dons. Sua graça não é barata ou comum, mas de alta qualidade e valor. Portanto, se Deus te confiou algo tão inapreciável como sua fé e graça, seria de fato “mau” escondê-las (v. 26).

Nessa parábola, é aquele com os menores talentos que fracassa. É frequentemente o mesmo em nossas igrejas. Aqueles a quem são dados múltiplos dons espirituais são frequentemente ativos dentro da igreja, e suas capacidades transbordam e se tornam óbvias a todos. Mas aqueles que têm poucos dons frequentemente recuam em passividade, quando eles têm o mesmo dever para com Deus e os outros cristãos de edificar a igreja usando seus dons espirituais. Contudo, a culpa não deve ser posta em se ter poucos dons, visto que essa parábola expõe o medo e preguiça como a razão para a falta de iniciativa.

Nossa segunda parábola vem de Lucas 17:7-10, que lemos da seguinte forma:

> Qual de vocês que, tendo um servo que esteja arando ou cuidando das ovelhas, lhe dirá, quando ele chegar do campo: ‘Venha agora e sente-se para comer’? Ao contrário, não dirá: ‘Prepare o meu jantar, apronte-se e sirva-me enquanto como e bebo; depois disso você pode comer e beber’? Será que ele agradecerá ao servo por ter feito o que lhe foi ordenado? Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: ‘Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever’” (Lucas 17:7-10).

O senhor não deve ao servo qualquer bondade ou gratidão simplesmente pelo fato do servo ter realizado seus deveres. O senhor não está obrigado a oferecer nenhum elogio ou nem mesmo uma palavra de gratidão ao servo que fez o que deveria fazer. Em adição, nem mesmo após um dia inteiro de trabalho, o servo não tem nenhum direito de demandar algum descanso ou conforto, mas ele está obrigado a continuar servindo ao seu senhor.

Isso contradiz fortemente o pensamento de muitos cristãos professos. Eles pensam que porque eles têm servido a Deus em oração, pregação, doações e outras atividades, agora Deus lhes concede seu favor e gratidão. Num relacionamento humano, é correto para

alguém retornar o favor quando ele recebe assistência de seu amigo. É apropriado mostrar gratidão para alguém que te tratou com bondade. Sentimo-nos obrigados a ajudar aqueles que têm nos ajudado.

Algumas pessoas têm frequentemente puxado Deus para o nosso nível no pensamento delas. Elas assumem que Deus lhes deve após elas terem lhe prestado serviço. Contudo, elas se esquecem que ele nunca nos *deve* – ele é o nosso dono! Elas têm se focado numa visão distorcida da filiação delas em Cristo, de forma que têm ignorado as passagens bíblicas que se referem a nós como os escravos de Deus, e passagens que declaram sua posse total sobre nós: "Vocês não são de si mesmos... Vocês foram comprados por alto preço" (1 Coríntios 6:19-20).

Alguns cristãos professos podem achar estranho quando nosso relacionamento com Deus é ilustrado por aquele de um mestre e o escravo, embora isso seja de fato o que a Escritura ensina. O desconforto deles com a idéia vem de uma cultura "cristã" na qual muitos ministros e crentes falsamente romantizam nosso relacionamento com Deus num que é caracterizado por percepções e experiências sentimentais. É verdade que como cristãos somos os filhos de Deus, mas aquelas passagens que nos vêem como escravos de Cristo carregam tanta autoridade divina quanto aquelas que descrevem nossa filiação. Os cristãos precisam voltar à consciência de serem os escravos de Deus. Qualquer ato de bondade de Deus é somente devido à sua misericórdia através do pacto que temos com ele em Cristo, e nunca como um pagamento obrigatório por nosso serviço ou fidelidade.

Uma consciência do fato de sermos os escravos de Cristo nos humilha, mas isso não significa que andaremos pelo resto das nossas vidas de cabeças baixas – deprimidos e amedrontados. Isso seria uma representação falsa de uma vida de humildade e serviço. Pelo contrário, a pessoa que entende que ela é um escravo de Deus se torna corajosa na vida, pois sabe que ela não pertence a si mesma. Sua confiança descansa em seu mestre, visto que ela não tem nenhuma confiança em si mesma. Se você pode se ver verdadeiramente como um escravo de Deus, você será capaz de sobrepujar sua carne, suas emoções, e qualquer desobediência e rebelião em seu coração. O medo desaparece visto que a auto-preservação não é mais uma prioridade. Cessamos de temer por nossa própria segurança e bem-estar, visto que sabemos que não pertencemos a nós mesmos.

Embora preguemos sobre a depravação humana e a graça soberana, muitos cristãos professos ainda dependem de suas boas obras quando eles se aproximam de Deus. A maioria das vezes as boas obras delas não são tão boas assim. Mas não importa quão genuinamente boas obras você tenha feito, você tem feito apenas o que deveria ter feito. Se você está dependendo do que tem feito a Deus quando esperando dele uma resposta para a sua oração, você não tem nenhuma chance. Deus ouvirá sua oração por causa de sua misericórdia, bondade e sua fidelidade às promessas lhe dadas através de Jesus Cristo. Sobre nenhuma outra base você pode esperar algo de Deus.

Outra passagem que se refere ao relacionamento de um senhor e escravo vem de Lucas 12:35-38:

> Estejam prontos para servir, e conservem acesas as suas candeias, como aqueles que esperam seu senhor voltar de um banquete de casamento; para que, quando ele chegar e bater, possam abrir-lhe

> a porta imediatamente. Felizes os servos cujo senhor os encontrar vigiando, quando voltar. Eu lhes afirmo que ele se vestirá para servir, fará que se reclinem à mesa, e virá servi-los. Mesmo que ele chegue de noite ou de madrugada, felizes os servos que o senhor encontrar preparados.

O senhor é dito servir seus escravos nessa passagem, [16] mas isso não contradiz o que lemos em Lucas 17.

A parábola em Lucas 17 mostra que um senhor não é obrigado a mostrar bondade para o escravo, e o escravo não tem nenhuma reivindicação sobre a gratidão do senhor. Jesus aplica isso aos seus discípulos no versículo 10: "Assim também vocês, quando tiverem feito tudo o que lhes for ordenado, devem dizer: 'Somos servos inúteis; apenas cumprimos o nosso dever'". A parábola nos diz que o senhor tem o direito de fazer demanda contínua sobre o escravo, tal como a ordem do Senhor de que devemos perdoar os outros repetidamente (v. 3-4), e também nos diz qual deveria ser a nossa atitude e comportamento como escravos para com Deus.

Por outro lado, Lucas 12:37 nos diz que a bondade de Deus está além daquela de um mestre humano ordinário, e que de fato ele recompensa e "serve" aqueles que são fiéis a ele. Visto que nossa tendência é abusar da bondade de Deus, devemos lembrar de não tomá-la como certa por causa do nosso conhecimento de sua grande misericórdia. Deveríamos ainda ver a nós mesmos como "servos inúteis", como Jesus ensina. A bondade de Deus é tal que quando ele te encontra numa postura de humildade, ele irá "exaltá-lo no tempo devido" (1 Pedro 5:6), mas isso não é algo que fazemos para nós mesmos, e muito menos em nosso relacionamento com Deus. Tolo é aquele que se levanta diante de Deus e faz demandas a ele!

Assim, Lucas 17:10 diz qual deveria ser a sua atitude, e Lucas 12:37 diz qual será a atitude de Deus – que ele te mostrará misericórdia, embora isso não seja requerido dele como seu senhor.

Deus seria inteiramente justo se ele nos tratasse como escravos, visto que somos de fato seus escravos. Mas a Bíblia diz que ele nos trata como filhos, tendo nos adotado em Cristo. Qualquer quantia de trabalho que os escravos façam pode ser já esperada e não recompensada, mas Deus nos recompensa como se fôssemos mais do que escravos. Entre outras coisas, devemos sempre pensar em nós mesmos como os escravos de Deus, de forma que não pensemos que Deus fará algo para nós, e assim, lembraremos que todo bem que Deus nos faz não é por causa de obrigação ou dívida para conosco, mas por sua bondade soberana.

Para o propósito de manter essa atitude de humildade, deveríamos considerar frequentemente as seguintes passagens bíblicas:

> Então o Senhor respondeu a Jó do meio da tempestade e disse: "Quem é esse que obscurece o meu conselho com palavras sem conhecimento? Prepare-se como simples homem; vou fazer-lhe perguntas, e você me responderá. Onde você estava quando

[16] The word translated "servant" here is more correctly translated "slave."

> lancei os alicerces da terra? Responda-me, se é que você sabe tanto. Quem marcou os limites das suas dimensões? Talvez você saiba! E quem estendeu sobre ela a linha de medir? E os seus fundamentos, sobre o que foram postos? E quem colocou sua pedra de esquina, enquanto as estrelas matutinas juntas cantavam e todos os anjos se regozijavam?" (Jó 38:1-7)
>
> Disse ainda o Senhor a Jó: "Aquele que contende com o Todo-poderoso poderá repreendê-lo? Que responda a Deus aquele que o acusa!" Então Jó respondeu ao Senhor: "Sou indigno; como posso responder-te? Ponho a mão sobre a minha boca. Falei uma vez, mas não tenho resposta; sim, duas vezes, mas não direi mais nada". Depois, o Senhor falou a Jó do meio da tempestade: "Prepare-se como simples homem que é; eu lhe farei perguntas, e você me responderá. Você vai pôr em dúvida a minha justiça? Vai condenar-me para justificar-se? Seu braço é como o de Deus, e sua voz pode trovejar como a dele?" (Jó 40:1-9).

Muitos cristãos professos se queixam quando eles estão descontentes com suas vidas, e eles frequentemente questionam a justiça de Deus e os seus caminhos. Mas Deus diz: "Você vai pôr em dúvida a minha justiça? Vai condenar-me *para justificar-se*?". Jó diz: "Ponho a mão sobre a minha boca". Isso é o que mais as pessoas precisam fazer na igreja. Elas negligenciam os estudos bíblicos e teológicos, mas então esperam falar nas reuniões da igreja, e demandam que outras pessoas respeitem suas opiniões estúpidas e anti-bíblicas. Mas a Bíblia diz: "Quando você for ao santuário de Deus, seja reverente. Quem se aproxima para ouvir é melhor do que os tolos que oferecem sacrifício sem saber que estão agindo mal. Não seja precipitado de lábios, nem apressado de coração para fazer promessas diante de Deus. Deus está nos céus, e você está na terra, por isso, fale pouco" (Eclesiastes 5:1-2).

> Então Jó respondeu ao Senhor: "Sei que podes fazer todas as coisas; nenhum dos teus planos pode ser frustrado. Tu perguntaste: 'Quem é esse que obscurece o meu conselho sem conhecimento?' Certo é que falei de coisas que eu não entendia, coisas tão maravilhosas que eu não poderia saber. "Tu disseste: 'Agora escute, e eu falarei; vou fazer-lhe perguntas, e você me responderá'. Meus ouvidos já tinham ouvido a teu respeito, mas agora os meus olhos te viram. Por isso menosprezo a mim mesmo e me arrependo no pó e na cinza" (Jó 42:1-6).

Aqueles que não temem a Deus não o "vêem". Eles permanecem em constante desafio contra Deus, chamando sua arrogância para com ele de "fé". Eles não sabem como ele é verdadeiramente, nem a extensão do seu poder e santidade. Mas aqueles que conhecem a Deus se humilham em arrependimento, e tremem com a sua palavra.

> Mas quem é você, ó homem, para questionar a Deus? "Acaso aquilo que é formado pode dizer ao que o formou: 'Por que me fizeste assim?'" O oleiro não tem direito de fazer do mesmo barro um vaso para fins nobres e outro para uso desonroso? E se Deus, querendo mostrar a sua ira e tornar conhecido o seu poder,

> suportou com grande paciência os vasos de sua ira, preparados para a destruição? Que dizer, se ele fez isto para tornar conhecidas as riquezas de sua glória aos vasos de sua misericórdia, que preparou de antemão para glória, ou seja, a nós, a quem também chamou, não apenas dentre os judeus, mas também dentre os gentios? (Romanos 9:20-24).
>
> Por isso, pela graça que me foi dada digo a todos vocês: Ninguém tenha de si mesmo um conceito mais elevado do que deve ter; mas, ao contrário, tenha um conceito equilibrado, de acordo com a medida da fé que Deus lhe concedeu (Romanos 12:3).
>
> Mas ele nos concede graça maior. Por isso diz a Escritura: "Deus se opõe aos orgulhosos, mas concede graça aos humildes". Portanto, submetam-se a Deus. Resistam ao Diabo, e ele fugirá de vocês (Tiago 4:6-7).
>
> Honrarei aqueles que me honram, mas aqueles que me desprezam serão tratados com desprezo (1 Samuel 2:30).
>
> Pois todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado (Lucas 14:11).
>
> O temor do Senhor é o princípio da sabedoria; todos os que cumprem os seus preceitos revelam bom senso. Ele será louvado para sempre! (Salmo 111:10)

Se o temor de Deus é o princípio da sabedoria, então aqueles que desafiam, questionam e demandam de Deus são tolos; todavia, quantos que se chamam de cristãos fazem precisamente essas coisas? Quão frequentemente você faz essas coisas? Quantos cristãos professos de fato não mostram nenhum temor de Deus, mas antes ousam desafiá-lo e desobedecê-lo como se estivéssemos no mesmo nível dele? A Escritura nos chama a ouvir e entender que um escravo que desrespeita seu senhor será envergonhado, mas a um escravo que entende seu lugar será mostrada misericórdia.

Aqueles de nós que reivindicam ser cristãos, e que reivindicam ter o Espírito de Deus dentro deles, ainda são tão tolos que precisam da experiência de Jó para aprender sua lição? Mas Jesus diz: "Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão convencer, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos" (Lucas 16:31). Não precisamos da experiência de Jó, mas tudo o que precisamos fazer é crer no que a Escritura diz sobre Deus e sobre nós. Assim, podemos aprender a nos humilhar para que não sejamos envergonhados, mas antes exaltados e honrados por Deus.